



BRASIL AGORA



ANO II Nº 30

21 DE DEZEMBRO DE 1992 A 24 DE JANEIRO DE 1993

CR\$11.000,00

LULA PROPÕE COMO CHEGAR LÁ

PÁGINAS 4 E 5

1992 O ANO QUE TERMINOU FORA DA O R D E M

Antônio Callado,
Eric Hobsbawn
Cristóvam
Buarque e Marival
Chaves (sargento
do DOI-CODI)
em entrevistas
exclusivas

DEBATE

*Parlamentarismo
x
Presidencialismo*

PÁGINA 13

MUNDO

*Neoliberalismo
tropeça e
perde gás*

PÁGINA 13

VIOLÊNCIA

*Guerra contra
mulheres*

PÁGINA 16



OLHO NELE

A população paulistana acaba de entregar o poder para alguém que nunca soube dialogar. Não podemos exigir memória fotográfica, mas em um caso como este é demais.

Paulo Maluf sempre exerceu o autoritarismo, a corrupção e o desvio do dinheiro público para fins eleitoreiros, como, por exemplo, a Paulipetro.

Nós que votamos em Eduardo Suplicy vamos poder andar de cabeça erguida. Porém é necessário fiscalizar a administração Maluf. Caso haja alguma coisa errada vamos denunciar e, se conseguirmos o impeachment do presidente da república, por que não conseguiremos o de Paulo Salim Maluf, pai da maioria dos corruptos?

JURACY MAGALHÃES DE CARVALHO
São Paulo, SP

COMUNICAÇÃO JÁ

A Coordenação do Fórum Nacional pela Democratização da Comunicação marcou uma plenária nacional para os dias 8, 9 e 10 de janeiro de 1993, no Rio de Janeiro. O objetivo é discutir um programa de ação e a organização do movimento.

A modificação nas concessões de canais de TV e rádio, o critério e o prazo destas concessões são assuntos que serão debatidos. O projeto de lei do deputado federal Zaire Rezende, do PMDB (MG), que está tramitando no Congresso Nacional, contém vários avanços, como: 40% da programação das TVs e rádios teriam programas regionais ou locais; o fim do monopólio dos meios de comunicação; ninguém poderá controlar mais de 30% da comunicação social e possuir rádio, jornal ou TV ao mesmo tempo. Jornalistas, artistas e radialistas poderão invocar a cláusula de consciência contra tarefas contrárias a ética profissional e de interesse público. É necessário que haja uma ampla mobilização das entidades da sociedade para debater a questão da informação no Brasil e suas consequências para a formação da opinião pública. A pluralidade das manifestações culturais é algo fundamental para a formação da identidade do país e a democracia de uma forma geral.

JÚLIO CÉSAR LOBO
Rio de Janeiro, RJ

MODO PETISTA

Em respeito aos resultados, favoráveis ou desfavoráveis, e apesar dos atropelos, conchavos, maracutaias e baixarias generalizadas, a tão perseguida e despersonalizada democracia se fez presente de ponta a ponta neste país sofrido.

Queremos crer que quem vai estar ganhando nos locais onde os eleitores cacifaram os nomes dos representantes das forças progressistas, abrigadas pela estrela nas coligações possíveis, ou simplesmente petistas, será o município.

O compromisso soberano de cada prefeitura está, e obrigato-



riamente tem de estar, associado à vontade imperiosa do município, identificado nos preceitos da cidadania.

Com o objetivo de possibilitar ao país um modo decente de governar, o modo petista tem que ser a referência e extrapolar os limites do discurso para a prática, baseado no crédito recebido de cada voto.

JOÃO LUIZ
São Paulo, SP

ARTE COMPLEXA

Política é a ciência do governo dos povos; arte de dirigir as relações entre os países; é a civilidade de princípios e visa estabelecer a ordem no país. É uma arte bonita, complexa, mas que infelizmente os homens públicos conseguem deturpar.

Neste momento do país é impossível deixar de lembrar o que aconteceu na campanha presidencial em 1989. O senhor Leonel Brizola chamou seu adversário Lula de "sapo barbudo", não prestou-lhe ajuda necessária para o segundo turno.

Pergunto agora, governador: não seria melhor ouvir o coaxar do "sapo barbudo" do que enfrentar esse mar de tubarões que nos cercou no governo Collor?

SUELI BRAZIELLAS
Rio de Janeiro, RJ

CADÊ RONDÔNIA?

Esperei que a edição nº 27 do Brasil Agora publicasse alguma informação a mais sobre o bom resultado obtido pelo PT em Rondônia. O partido participou

da coligação vitoriosa na capital, Porto Velho, e conquistou a prefeitura em três cidades no interior.

Achei importante a vitória do PT, principalmente no município de Jaú, porque foi uma das primeiras a se levantar contra a corrupção. Ano passado a população de quase 70 mil habitantes conseguiu afastar o prefeito do PMDB, por uma intervenção estadual no município. Isto aconteceu por causa das denúncias levantadas pela bancada do PT na Câmara. Houve ocupação na prefeitura e as mobilizações chegaram a reunir cerca de 5 mil pessoas.

O desafio de administrar esta cidade vai ser grande: enfrentar a fome, a miséria, a escravidão branca, o tráfico de drogas, doenças como a malária, que mata um adulto por dia, o abandono em que estão os pequenos produtores, o contrabando de madeiras etc.

SIMÃO PEDRO CHIOVETTI
São Paulo, SP

DE NOVO VITÓRIA

Os leitores do Brasil Agora estão tendo a oportunidade de acompanhar através de várias cartas o processo de avaliação que fazemos no Espírito Santo, sobre o resultado eleitoral do Partido dos Trabalhadores na cidade de Vitória.

Uma carta assinada pelo prefeito Vitor Buaiz e pelo vice Rogério Medeiros, publicada no Brasil Agora nº 29, apresenta uma versão que em nome da verdade e da ética partidária exige ser contestada.

Em primeiro lugar, é impor-

tante que todos saibam que a carta de Vitor não é um documento de avaliação eleitoral. Foi na verdade um documento produzido para o acirramento da luta interna, divulgado na imprensa sem conhecimento das instâncias partidárias, enviado através de mala direta para filiados e não filiados, no início do mês de julho, logo após o fechamento das coligações, e que durante o processo eleitoral foi transformado em panfleto, amplamente distribuído para a população de Vitória nos quinze dias que antecederam as eleições, com o objetivo claro de bombardear a candidatura do PT - João Coser, que derrotou na prévia o candidato Rogério Medeiros, um dos autores da carta.

Assim como em várias outras cidades, tivemos em Vitória momentos conflituosos na relação Partido/ Administração. Tentar fazer o debate à base de reducionismo ideológico entre "reformistas" x "revolucionários" é optar por fugir de uma discussão complexa, iniciada no período preparatório do 1º Congresso e que ainda não se encerrou.

O que estava em disputa em Vitória era a construção de um projeto coletivo para o PT e a sociedade, ou a subordinação do coletivo aos projetos pessoais.

Vitor e Rogério questionam a política de alianças colocada em prática nos municípios de Vitória e Vila Velha.

A política de alianças adotada no estado se balizou pelas resoluções do 1º Congresso do

PT e do Diretório Nacional. Além disso, a aliança com o PDT sempre foi defendida por Vitor, desde 1988. O prefeito de início recusou-se a apoiar Coser, acusando-o de ser estreito e não defender alianças. Depois, quando o conjunto do Partido aprova as coligações, com apenas um voto contrário em Encontro Municipal legítimo, Vitor publica esta carta contra a coligação.

Através de um bem articulado jogo de palavras, Vitor e Rogério tentam justificar suas ações em 1992, de omissão e desrespeito à democracia interna do PT, alegando que em outras disputas não houve o engajamento dos apoiadores de João Coser. Isso também não corresponde à verdade. Afinal, foi Cláudio Vereza que defendeu perante o Encontro Estadual do PT, em 1990, a candidatura de Rogério Medeiros a governador do estado. Magno Pires foi candidato ao Senado, participando de todos os eventos da campanha ao lado do candidato majoritário. Por fim, o próprio Rogério declarou inúmeras vezes que Otaviano de Carvalho, candidato a deputado em 1990, foi um dos que mais se integraram à campanha de governador.

A verdade nua e crua é que, pela primeira vez na história do PT/ES, a disputa revelou uma concepção partidária onde a personalidade pública é maior que o partido, onde a lógica da sociedade burguesa é melhor que a lógica do partido. Foi assim que Vitor Buaiz se comportou. Contra as decisões do 1º Congresso, contra o resultado da prévia, contra o resultado de reuniões estaduais e nacionais, Vitor Buaiz entrou no processo eleitoral com o objetivo de derrotar a candidatura do PT. Inúmeras declarações fornecidas à imprensa, a omissão quanto ao uso de sua imagem em apoio a outras candidaturas, a recusa em participar ao lado de Lula, a proibição (pela chefia de gabinete do prefeito) da utilização de imagens da administração no programa de TV do PT, a pressão exercida sobre secretários da administração para que não gravassem para o programa da Frente etc., são alguns fatos que indicam de forma clara o não acatamento da democracia interna por Vitor Buaiz.

Estes e outros fatos preocuparam a direção nacional do PT, que através da Comissão Executiva Nacional, na reunião de 14.09.92, decidiu conchamar o prefeito a empenhar-se na candidatura da Frente Vitória, ao mesmo tempo que o advertia de estar sujeito às sanções estatutárias pelo eventual não cumprimento da resolução.

É salutar para o amadurecimento de um processo coletivo de construção partidária que os problemas aflorados no último período sejam tratados no interior do Partido pelo ângulo político-ideológico. É insuficiente apenas bradar por maiores comportamentos éticos. Não podemos resumir divergências profundas de concepção partidária a questões operacionais de campanha. A experiência vivida em Vitória mostra que é indispensável uma autocrítica da direção partidária, dos mandatários, dos filiados envolvidos, para restabelecer a confiança e superar a falta de solidariedade.

TEREZINHA BALDASSINI CRAVO
E ALEXANDRE PASSO

Membros da Direção Municipal do PT-
Vitória



DIRETOR: JOÃO MACHADO. EDITOR: JOSÉ AMÉRICO DIAS. EDITOR DE ARTE: CACO BISOL. REDAÇÃO: ANTONIO MARTINS, FLÁVIO AGUIAR, JUAREZ GUIMARÃES, MOUZAR BENEDITO, VALTER POMAR. SECRETARIA: ADÉLIA CHAGAS. SUCURSAL RIO GRANDE DO SUL: LUCIANE FAGUNDES, JOSÉ LUIZ LIMA E MARCO ANTONIO SCHUSTER. COPIDESQUE E REVISÃO: CELSO CRUZ. DIGITAÇÃO: EUZABETE D. DA SILVA. EDITORAÇÃO ELETRÔNICA: SILVANA PANZOLDO E JOTA MARANHÃO. PRODUÇÃO GRÁFICA: FABIANO CIAMBRA. COLABORADORES: ALAN RODRIGUES, ALÍPIO FREIRE, ALOÍSIO MORAIS, ANDRÉ SINGER, ANTONIO CARLOS FOM, ANTONIO CARLOS DE QUEIROZ, CLOVIS CASTRO, BERNARDO KUCINSKI, BRENO ALTMAN, CARLOS E. CARVALHO, CELSO HORTA, CÉLUS, CINTIA CAMPOS, CLÁUDIO SCHUSTER, DENISE NEUMANN, EDMILSON DE SOUZA, EMIR SADER, EUGÊNIO BUCCI, FERNANDA ESTIMA, FERNANDO PAIVA, FIAMARION MAUÉS, FLÁVIA DE SAMPAIO LEITE, FLÁVIO LOUREIRO, DA COSTA, GENARO URSO, HELIO SILVA, HUGO SCOTTE, IVAN SEIXAS, ISAAC ARCELRUD, JOÃO ANTONIO, JOSÉ AMÉRICO DIAS, JOSÉ ROCHA, JUSTINO PEREIRA, KIPPER, LINETE MARTINS, MANOEL ALVAREZ, MÂRCIA BRAGA, MÂRCIA MOREIRA, MÁRCIO BUENO, MÁRCIO VENCIGUERRA, MARCO AURÉLIO GARCIA, MARCOS SOARES, MARIA LÚCIA BRANDÃO, MARIO AUGUSTO JAKOBSSKIND, MARINGONI, MARISA MELIANI, MARIZA DIAS COSIA, MUDAIRA, MILTON FOGO, NELSON RIOS, NILMÁRIO MIRANDA, NORMA SUELI O. REIS, NORA NAPOU, OHI, PATO, PATRÍCIA CORNÉIS, PAULO BARBOSA, PAULO ROBERTO FERREIRA, PAULO

BRASIL
AGORA

ZILBERMANN, PEDRO ORTIZ, PERSEU ABRAMO, RAIMUNDO PEREIRA, ROGÉRIO SOTTIL, RUI FALCÃO, RUTH BUENO DE ARAUJO, SÉRGIO CANOVA, SÉRGIO SISTER, WALTER ONO, WILADIMIR POMAR. A OPINIÃO DOS ARTICULISTAS NÃO REFLETE NECESSARIAMENTE A LINHA EDITORIAL DO JORNAL.

BRASIL AGORA é uma publicação quinzenal da EDITORA BRASIL AGORA LTDA. - ALAMEDA GIETE, 1049 - CEP 01215 - SÃO PAULO (SP). FONES: 222.6318/222.4326/220.7718. FAX: (011) 222.2865. ADMINISTRAÇÃO: M^{te} ALICE DE P. SANTOS. ASSISTENTE: IVANILDA ALVES. DEPARTAMENTO DE CIRCULAÇÃO (COORDENAÇÃO GERAL): MARIA ODETE G. DE CARVALHO, JOSÉ LUIS NADAI. GERENTE DE DESENVOLVIMENTO: PAULO M. SOLDANO. GERENTE DE MARKETING: EDER DE ARAUJO SANTOS. ASSINATURAS: ANA MARIA ALVES, GUIBA GENESTRA (DIGITAÇÃO), PAULO E. SOLDANO, MÔNICA MENDES MARTINS, ANA CLÁUDIA F. GONÇALVES, REINALDO LAFOROYA, EUZABETE BERNARDO (RIO DE JANEIRO), JOSÉ VITAL (FORTALEZA 085-252.1992), MOISÉS BALESTRO (PORTO ALEGRE 051-221.7733). EXPEDIÇÃO: JOÃO A. GUEVARA. SERVIÇOS GERAIS: EUSILVANIA M. FERREIRA, FERNANDO S. SIQUEIRA, LUCILENE B. SILVA, MARCELO L. C. PONTES. IMPRESSÃO: DCI. DISTRIBUIÇÃO: DINAP S/A.

TIRAGEM DESTA EDIÇÃO: 35.000 EXEMPLARES FORAM IMPRESSOS NO DIA 17 DE DEZEMBRO DE 1992

JORNALISTA RESPONSÁVEL: JOSÉ AMÉRICO DIAS

LULA: DE OLHO NA PRESIDÊNCIA

O Brasil Agora traz uma entrevista com Lula, presidente nacional do PT, onde ele revela suas opiniões - algumas delas polêmicas - sobre como preparar em 1993 o caminho de sua candidatura presidencial. Entre outros temas, Lula trata da necessidade de costurar uma aliança com a esquerda e a centro-esquerda, de apresentar propostas ao Governo Itamar, disputando espaço com a direita, com a intenção de fazer com que ele avance, de realizar uma campanha contra a fome, e da luta por reformas políticas. Comenta ainda o desempenho eleitoral do PT em 92 (páginas 4 e 5).

O professor Cistovam Buarque, ex-reitor da Universidade de Brasília, e o escritor Antonio Callado discutem o ano de 1992, e as perspectivas do Brasil pós impeachment. (páginas 8 e 11).

De Londres, Bernardo Kusinski analisa os reveses que o neoliberalismo vem experimentando no mundo, embora continue exercendo grande influência ideológica até mesmo junto a partidos de esquerda. (página 13). Registre-se também matéria exclusiva sobre o encontro, ocorrido em São Paulo, entre o historiador marxista inglês Eric Hobsbawne e Lula, lançando questões instigantes sobre os sindicatos e os partidos de esquerda no Brasil e na Europa (páginas 14 e 15).

Nesta edição o Brasil Agora passa a dedicar um espaço fixo para debater Parlamentarismo x Presidencialismo, com o propósito de oferecer aos seus leitores, diferentes posições sobre o tema, tendo em vista o plebiscito que será realizado no Brasil sobre sistema de governo em 21 de abril de 1993 (página 12).

Em vista dos feriados de Natal e Ano Novo, a redação entra em férias coletivas a partir do dia 20 de dezembro. O próximo número do Jornal está programado para o dia 24 de janeiro. Na primeira quinzena de 93, a redação está realizando o balanço do Jornal, visando aperfeiçoar o seu projeto editorial e discutir sua eventual transformação em semanário.

O EDITOR

A FOTO DA CAPA É DE FERNANDA ESTIMA



Sinal de senilidade

O P I N I Ã O

Estamos perdendo a capacidade crítica e deixando de ser um partido de reforma social

A principal herança intelectual desta década de crise é a larga predominância, no debate nacional, de uma "macroeconomia do curto prazo" que se nutre do próprio fracasso, pois é a expressão teórica de um estado de emergência econômica que ela mesma ajuda a eternizar. Quanto mais ineficaz demonstra ser, mais necessária se torna. Para o PT, nenhuma tarefa deveria ser mais urgente, no debate de idéias, do que a de criticar impiedosamente essa herança. Ela é peça importante para que se perpetuem no poder grupos cuja racionalidade não têm sido capaz de organizar a Nação.

Em vez disso, usamos alegações pragmáticas para justificar a concentração de nossas energias na preparação de "Diretrizes para um programa emergencial de política econômica". A política, como se vê, é econômica; o programa é emergencial; e a reflexão se restringe a diretrizes. Esse reducionismo sucessivo mal esconde a aceitação da lógica dos adversários, bem como da agenda de problemas por eles colocada. É uma tragédia; estamos perdendo nossa capacidade crítica e deixando de ser um partido de reforma social, justamente no momento histórico em que essa bandeira é mais importante para o Brasil.

Estarei exagerando? Respondam então, bem depressa, qual a origem desta seqüência de idéias: "O modelo nacional desenvolvimentista se exauriu (...) no contexto das grandes mudanças no cenário internacional. O gasto fiscal transborda a arrecadação tributária; o protecionismo deforma a competitividade de muitos setores da economia (...); a burocratização e a ineficiência dos serviços públicos impedem a qualidade (...) dos serviços (...). As tentativas populistas (sic!) de restauração desse modelo estão fadadas ao fracasso porque são incompatíveis com a racionalidade (sic!) e as novas tendências internacionais (...). A eco-

nomia mundial avança no sentido da globalização acelerada, flexibilização dos processos produtivos, independência dos circuitos monetários e creditícios e incorporação de invocações tecnológicas (...). O Brasil tem pela frente o desafio de criar nichos de alta tecnologia compatíveis com os níveis de competitividade internacional, capazes de impulsionar a industrialização avançada". Trata-se de um programa do PT ou de um discurso do falecido presidente Collor? Errou quem cravou neste último. Mas por pouco. Poderia mesmo ser dele.

Mesmo de um ponto de vista meramente econômico o diagnóstico é equivocado. A elevação sistemática de preços, o aluguel de papéis do Estado com liquidez e rentabilidade elevadas e a informatização das transações (soneração fiscal, formação de um colchão de recursos no exterior etc) passaram a ser componentes essenciais de sustentação da taxa de lucro no Brasil. Os empresários estão fartos de saber disso, mas ainda não contaram para os economistas. Essas práticas são racionais do ponto de vista microeconômico, mas produzem e amplificam os desequilíbrios macroeconômicos do sistema, pois destroem o papel alocativo do sistema de preços, criam circuitos de acumulação financeira desproporcionais ao tamanho da economia real, desmontam a possibilidade de qualquer política econômica eficaz, comprimem as taxas

de investimento, reproduzem incertezas. Tal lógica preponderante no setor privado é de longe o principal componente dinâmico da crise, contribuindo decisivamente para desorganizar o Estado e a própria Nação. Se essa acumulação predatória não for desmontada - restaurando-se o elo perdido entre produção e lucro - não haverá nenhuma saída.

Nosso grande país permanecerá condenado a desintegrar-se por mais tempo, vagando entre a estagnação e a "solução" hiperinflacionária.

A agenda liberal privilegia a crise do Estado, a reativação do setor exportador, a incorporação de novas tecnologias em alguns nichos, a alavancagem via oligopólios, o acordo da dívida externa. A nossa agenda, por sua vez, deveria privilegiar a ativação do mercado interno, a erradicação da pobreza, reformas estruturais voltadas para desconcentrar renda e patrimônio, a alavancagem sistêmica, a valorização de centros dinâmicos endógenos, a difusão de tecnologias já dominadas, o controle da acumulação financeira. Aqui e ali, nossas "Diretrizes" falam de algumas dessas coisas, mas de forma fragmentada e incoerente, sempre na defensiva, quase como concessão, e não como base de uma alternativa global. Como se não acreditássemos realmente nesse caminho. O resultado, na melhor das hipóteses, é a consagração do ecletismo. Na pior, é a rendição pura e simples.

É pena. Afirmar as idéias vinculadas à nossa agenda deveria ser preocupação permanente dos nossos dirigentes, para que pudéssemos disputar a hegemonia no debate nacional. E detalhar o projeto dela resultante, buscando construir sua consistência interna, deveria ser a tarefa dos nossos economistas. Mas, para isso, uns e outros precisariam ter mais ousadia. Reformismo, no PT, está virando doença infantil. Sinal de senilidade.

CÉSAR BENJAMIN
Consultor Editorial

FÉRIAS EM FLORIPA

Atenção: se você quer passar as férias em Florianópolis, pode conseguir casas e apartamentos com bons preços e ainda por cima ajudar as finanças do PT em Santa Catarina. Os contatos podem ser feitos imediatamente, pelo fone (0482) 22-5439, com Adauto, Leonardo ou Lúcio. Eles estão agenciando os imóveis para locação nesta temporada.

DITO PELO DITO

Magri balançou, balançou... e caiu. Collor balançou, balançou... e caiu também, contrariando as expectativas de que tudo continuaria como dantes no quartel de abranes. Quercia balançou também, não caiu, mas continua balançando. Maluf foi o contrário: ele balança em tudo quanto é ano de eleição, mas cai no fim; desta vez, balançou, balançou... e entrou. Azar nosso. É mesmo um ano atípico.

Mas não foi só na política nacional que as coisas começaram a perder o equilíbrio. Nos países ex-socialistas, alguns dos que já tinham caído, virado de pernas pro ar, mostraram criatividade caindo ainda mais - como é o caso da velha Iugoslávia que virou um inferno e outros, vejam só, preferiram entregar o poder de volta aos comunistas. É o caso da Lituânia, tema de muitas e muitas campanhas da TFP, que vivia fazendo abaixo assinados mundiais contra os comunistas que tomaram o país. Pois bem, a União Soviética se desintegrou, a Lituânia se "libertou" e agora, pra decepção dos devotos do dr. Plínio Corrêa de Oliveira, voltou às mãos dos comunistas por livre e espontânea vontade, através do voto.

Cuba, apesar de balançada, pressionada, perseguida, ilhada política e comercialmente, não caiu ainda. Pra decepção dos norte-americanos e do secretário da Cultura de Maluf, Rodolfo Konder. Na Europa Ocidental, que balançada! Racismo, neonazismo, babaquices em geral viram moda de novo.

Nos Estados Unidos, o poderoso Bush caiu, enquanto seu desafeto no Iraque, o balançado Saddam Hussein, se segurou.

Já no PT, o file da balança continua sem saber pra que lado vai: parlamentarismo ou presidencialismo? Social-democracia ou socialismo de verdade? Sem falar nos já existentes "petistas" meio neoliberais.

Bem, a coluninha aqui é pequena, não dá pra tratar do futebol (viva o futebol arte, ressuscitado no São Paulo) e outras coisas mais. Mas só por esses exemplos, um balanço do ano pode dar a 1992 o título de ano do balanço. Um ano que balançou o coreto!

MOUZAR BENEDITO



ENGENHARIA POLÍTICA.

Nas eleições de 1994 estará colocada para nós uma coisa muito delicada. O problema da vitória e o problema da governabilidade. Ou seja, o problema de você ganhar as eleições e o problema de você conseguir colocar em prática um programa de reformas substanciais, para que a gente possa ter um saldo muito positivo da administração democrática e popular que nós queremos estabelecer no país em 1994.

E quando a gente fala em reforma, muita gente já começa a dizer que isso é reformismo. Num país que tem milhões de analfabetos, que tem milhões de pessoas morrendo de fome, milhões de pessoas expulsas do campo, você resolver esses problemas eu já acho que é uma coisa fantástica pro Brasil. Pra isso eu acho que nós precisamos

O debate de nossa política de alianças é prioritário em 93

começar a discutir alianças políticas em 1993. Acho que é extremamente importante que a gente arranje aí uma meia dúzia de engenheiros políticos "para costurar um campo de esquerda e centro-esquerda, envolvendo PDT, PSDB, PT, PPS, PC, PSB, PCdoB e PV - um tipo de aliança que nos permita conquistar governadores em todos estados, senadores, deputados federais, estaduais e presidente da República.

A minha preocupação é que se correremos o risco de fragmentar muito esse segmento de esquerda pra e centro esquerda, nós podemos ter dois candidatos de direita disputando o segundo turno dessas eleições. E eu acho que a gente não pode se permitir esse luxo.

AGENDA PARA 1993.

Temos três temas que vão tomar a nossa atenção. O primeiro é o debate sobre a forma de governo que passa pelo plebiscito do PT que ocorrerá a 14 de fevereiro e, depois, o plebiscito oficial que será realizado no dia 21 de abril. Segundo tema fundamental: temos o processo de encontros do PT. E todo encontro do PT toma muito tempo da militância, as disputas políticas, a renovação da direção nacional do partido, então, tudo isso deve tomar uma parte importante do primeiro semestre. Aí temos o processo de revisão constitucional que tem início em outubro de 1993, que é outra briga para que o PT precisa se preparar - apresentar projeto de revisão constitucional, o que a gente quer manter ou quer mudar.

CONTRA A FOME.

Estou defendendo que a gente faça uma campanha contra a fome no Brasil. Temos que

*Em entrevista exclusiva a **Brasil Agora**, Lula propôs como descascar o abacaxi de chegar à Presidência. Lançando (ou respondendo) temas polêmicos, como política de alianças, comportamento diante do governo Itamar, avaliação das eleições, Lula disse que perdeu o medo, e que em 1993 o partido vai ter que se preparar... para governar.*

(Entrevista a José Américo Dias, Mouzar Benedito e Flávio Aguiar)

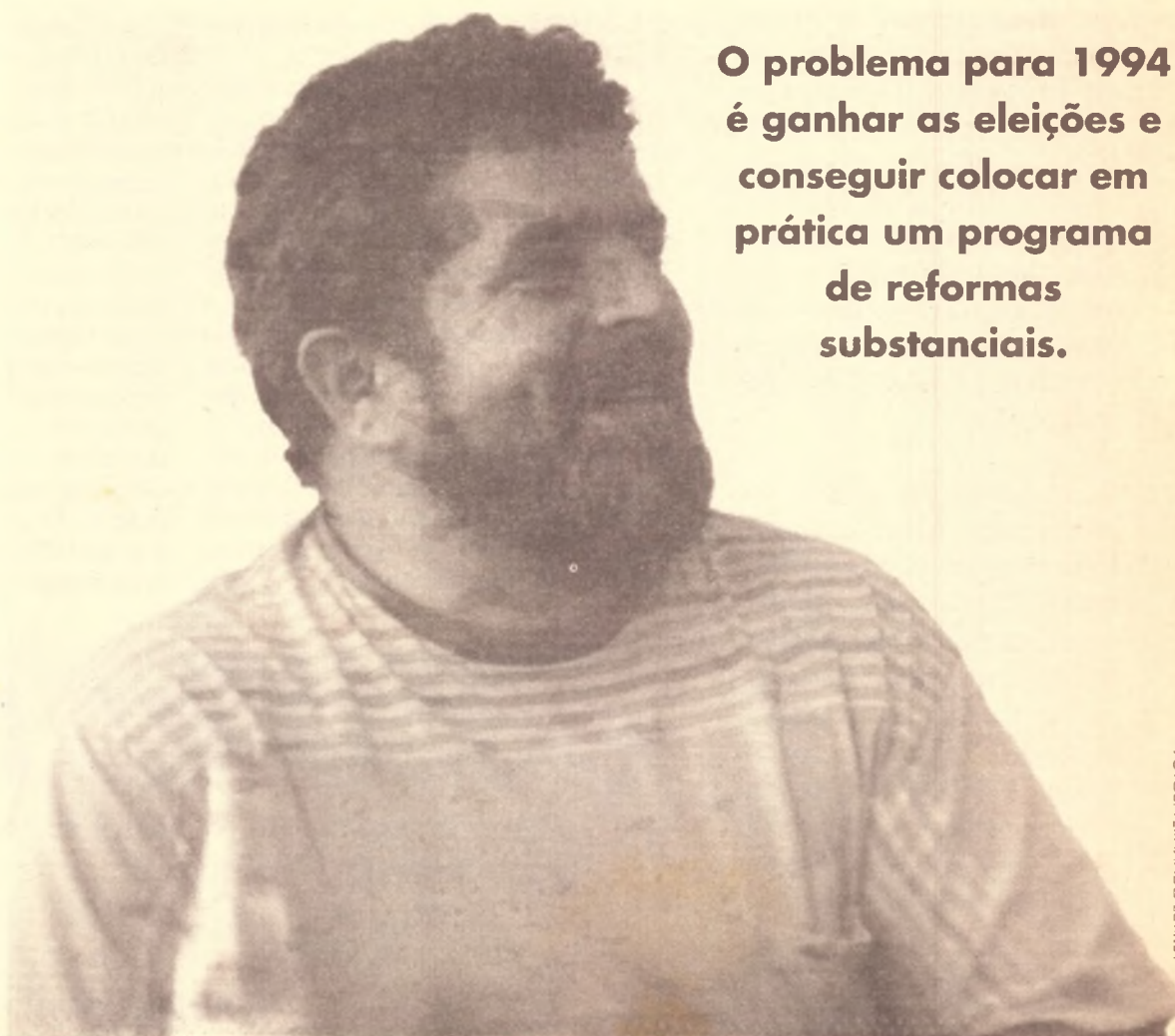
LULA sem medo de ser LULA

ver a fome na periferia das grandes cidades, a fome das crianças abandonadas e a fome no campo brasileiro, no nordeste. E temos que fazer ver que todos estes tipos de fome existem em decorrência de uma única razão: falta de políticas sociais, falta de política de reforma agrária, falta

de uma política de distribuição de renda, e nós precisamos inclusive demonstrar nesta campanha que é possível resolver este problema. É possível acabar com a fome neste país, é possível resolver os problemas das crianças de rua, é possível começar a evitar que surjam mais crianças

de rua, que continue a existir o êxodo rural. Basta que a gente tenha uma política para isso. E nós temos projeto de segurança alimentar, propostas de reforma agrária, temos propostas para o pequeno e médio produtor agrícola, e nós queremos ver isto começar a funcionar. Daí porque

O problema para 1994 é ganhar as eleições e conseguir colocar em prática um programa de reformas substanciais.



FOTOS: FERNANDO ESTIMA

1993 é um ano extremamente importante para o PT começar a trabalhar para que a gente possa sonhar em ganhar em 1994.

SEM MEDO.
Eu estou numa idade - não cronológica, mas numa idade política (gostou dessa?) - em que estou perdendo alguns medos. A esquerda, originalmente, tem medo de apresentar propostas porque tem medo que as pessoas aceitem. Se as pessoas aceitam, fica difícil: como é que faz? Eu tô reivindicando tal coisa, o cara aceitou, então eu virei pelego? Não, não. Nós apresentamos proposta de emergência que não é um programa do PT, é uma proposta de emergência para um governo que nós compreendemos de difícil transição, um governo com complexidade, que não passou pelo voto, que ainda não ganhou credibili-

A esquerda tem medo de apresentar propostas, o cara aceitar: “Virei pelego”?

dade da sociedade. Um documento de transição que está longe de ser o Programa que fizemos em 1989, mas é algo que pode ser colocado em prática em 1993, pode começar a fazer esta locomotiva chamada Brasil a andar uns metros, a voltar a gerar alguns empregos, a voltar a gerar um mínimo de distribuição de renda. Então é isso que vai determinar nossa postura diante do governo Itamar. É lógico que a nossa cultura política é meio de estar sempre com o pé atrás, “vamos ser enganados”, “e se ele atender tudo, vamos ter que defender...”. Eu não tenho que defender o Itamar. Eu tenho que defender as propostas que forem colocadas pelo Itamar ou ser contra elas. Da mesma forma que eu não quero que o Itamar me apóie, eu quero que ele aceite ou não as propostas que nós estamos colocando para a sociedade.

ATITUDES CONCRETAS.
Tem gente que quer uma “reforma agrária ampla e radical”, mas não dá um passo pra conquistar. Quero que a gente coloque a proposta de reforma agrária e que a gente martele até montar uma equipe pra ir conversar com o Itamar: “Itamar, quem quer fazer reforma agrária não tem Lázaro Barbosa como ministro da Agricultura. É preciso mudar, começando por mudar o ministro. É preciso começar a discutir quem é que vai pro Incra. Eu acho que é essa a atitude que a gente tem que ter, se quiser fazer alguma coisa. Senão a gente vai ter que esperar ganhar as eleições pra fazer.

ITAMAR É DE DIREITA?

Eu sei que aqueles companheiros mais críticos ao governo Itamar dizem que tem gente de direita governando, citam o Lázaro Barbosa, da Agricultura, o Alexandre Costa, tudo isso é verdade. Mas ao mesmo tempo a gente precisa saber que pela primeira vez a gente tem um líder do governo na Câmara que é do PPS, tem um líder do governo no Senado que é um cidadão extremamente honesto e competente na arte de conversar, que sabe dos interesses da sociedade brasileira, que é o Pedro Simon, tem o Barelli no Ministério do Trabalho, tem o Jamil Haddad no Ministério da Saúde... e muitos outros. Então é um



governo que, embora frágil por sua origem, tem uma cara mais progressista do que qualquer outro que nós tivemos no Brasil.

Daí porque o governo Itamar, tem uma oportunidade histórica de se notabilizar na política brasileira como alguém que, sem nenhuma expectativa, consegue imprimir um ritmo de governo capaz de fazer a coisa começar a andar. Ele pode fazer a coisa começar a andar na agricultura, na política, por exemplo

Embora frágil por sua origem, o governo Itamar tem uma cara mais progressista do que qualquer outro que nós tivemos no Brasil.

de distribuição de renda, no controle dos fundos sociais (FGTS, FAT, Previdência Social) pelos trabalhadores. Eu acho que nós temos que estar preparados para impedir que segmentos de direita tomem conta do Itamar. A esquerda

precisa ser, no mínimo, mais competente; junto com o movimento sindical, apresentar suas propostas e cobrar durante 365 dias por ano o cumprimento de um projeto político capaz de, se não atender a tudo, pelo menos parte dessas nossas reivindicações.

PARLAMENTARISMO OU PRESIDENCIALISMO?

Faço questão de dizer para todo mundo que eu sou parlamentarista. Acho que o parlamentarismo é uma forma mais democrática de ser governo. Agora, acho que é muito difícil você discutir isso agora, se você não definir

partido tem decisão é que nós queremos participar como observadores, junto com outros partidos de esquerda da América Latina, porque entendemos que a Internacional Socialista é um grande fórum de debates políticos em nível internacional. Queremos estar lá olhando, para dar nosso palpite, sem nenhum compromisso ideológico.

A JUVENTUDE FOI ÀS RUAS.

Os carapintadas que saíram pra rua, eu acho que deram uma certa beleza ao cenário político brasileiro, a juventude volta à cena em duas posições antagônicas, ou pelo menos opostas. De um lado,

Nem parlamentarismo nem presidencialismo resolve, se não mudar a cultura política do país.

setores da classe média pintando a cara e protestando contra a situação do país e, de outro lado, filhos de gente pobre, oriundos das famílias mais pobres do país, fazem arrastões nas praias do Rio de Janeiro. O que nós precisamos é ter competência pra canalizar a insatisfação e a angústia dessa juventude carapintada e ao mesmo tempo ter uma política capaz para apresentar a essa meninada nos arrastões, que existe um futuro à espera deles, que pode transformar o mundo deles em algo mais sadio, algo mais saudável.

Eu acho que o Brasil tá numa fase boa, numa fase em que o movimento estudantil volta a se mobilizar, uma fase em que os problemas sociais começam a se transformar em fato político - porque o problema social por si só não é um fato político. Fato político é quando esse problema social começa a entrar num processo de criar obstáculos diários. E mesmo a molecada pobre, nos arrastões, criou fatos políticos que têm chamado a atenção do país que os problemas existem.

ELEIÇÕES 92.
Nós temos que analisar as eleições de 1992 fazendo uma

separação bem clara entre aquilo que nós imaginávamos que ia acontecer e aquilo que efetivamente aconteceu. O PT imaginava eleger no mínimo duzentas prefeituras e dobrar o número de vereadores. Nem elegemos duzentas prefeituras, nem conseguimos eleger o dobro de vereadores. Elegemos, me parece, 14% apenas a mais de vereadores.

Contudo, mesmo perdendo em São Paulo, perdendo o ABC, a gente mantém Porto Alegre, Ipatinga, Santos, Diadema, a gente ganha em Ribeirão Preto, vai pro segundo turno em Sorocaba, em João Pessoa, ganha em São José dos Campos... Além disso, estabelecemos uma política de alianças mais correta do que nos anos anteriores, e conseguimos eleger 38 vice-prefeitos.

Por isso acho que o PT foi um partido ganhador nas eleições de 1992. Se a gente contar o número de votos válidos, o PT foi o partido mais votado tanto no primeiro como no segundo turno, nas capitais, obtendo aproximadamente 3 milhões dos votos válidos no primeiro turno e 5 milhões.

LIÇÕES PARA O PT.

O PT precisa tirar desse resultado eleitoral algumas grandes lições. O fato de você perder uma eleição não significa o fim do mundo. Você perdeu uma cidade como os outros já perderam pra nós. O que nós temos que fazer é ter capacidade de nos articularmos para ganhar essa cidade daqui a quatro anos. A lição que a gente tem que tomar é que não é possível você fazer uma campanha dentro

O PT imaginava eleger no mínimo duzentas prefeituras e dobrar o número de vereadores, o que não aconteceu.

do PT sem que esteja disposto a fazer um debate ideológico em defesa de seu partido, em defesa dos ataques que o partido sofre.

O fato do partido ter 20% de rejeição ou 30% de rejeição não significa nada. Você não combate rejeição escondendo o motivo da rejeição. Você combate rejeição enfrentando a rejeição. Se rejeição fosse motivo para alguém não ser candidato, Maluf já tinha desistido da vida política, que ele chegou a ter 47% de rejeição.

A gente precisa deixar a poeira abaixar pra poder pegar todos os dados e fazer uma avaliação mais profunda do processo eleitoral. Nós temos que tirar lições dessa campanha, porque vamos ter eleições em 1994 e elas serão ainda mais difíceis do que a de 1992.



Polícia política ainda vive

Investigação de deputados
mostra que ela sobreviveu
ao fim da ditadura

As atividades políticas continuam a ser investigadas e documentadas pela polícia. O aparato da ditadura militar não foi totalmente desmantelado. Cidadãos e movimentos sociais ainda têm seus passos seguidos. A ilegalidade desses atos coloca aspas na democracia do país. Essas são algumas das principais conclusões do presidente da Comissão Parlamentar Externa (CPE) da Assembleia Legislativa de Santa Catarina, deputado Vilson Santin, líder da bancada do PT. A CPE foi criada dia 24 de novembro por iniciativa do PT, inicialmente para buscar documentos e fichas de militantes políticos no estado entre 1964 e 1979, ano da anistia. Contudo, ao vasculharem os arquivos da Diretoria Central de Informação e Informática (DCII), os deputados Santin e Lirio Rosso (PMDB), relator da CPE, encontraram fichas e pastas atuais.

No mesmo dia em que localizaram as fichas, 3 de dezembro, porém antes do achado, os deputados ouviram do secretário de Segurança Pública do estado, Sidney Pacheco, que na DCII havia somente documentação criminal. Em novembro deste ano, Pacheco já havia declarado que os arquivos da Secretaria de Segurança Pública com informações secretas sobre perseguidos políticos tinham sido "queimados". Com as evidências a lhe desmentir, o secretário apelou. Atribuiu as investigações ao "espírito araponga" que baixou em alguns burocratas. No currículo de Pacheco como secretário acumulam-se ações violentas da PM contra agricultores, sem-terra e aposentados, entre outras.

FICHAS. Com a descoberta das novas fichas - aproximadamente 500, dos anos 80 e 90 -, a CPE decidiu ampliar suas atribuições e investigar as ações policiais não apenas até 1979, mas desvendá-las na atualidade. O prazo para o en-

cerramento dos trabalhos, que se encerrava pouco antes do recesso, foi ampliado em mais de 120 dias. Entre as fichas encontradas, está inclusive a de Luís Inácio Lula da Silva. No documento, entretanto, não há maiores informações. Santin acredita que, assim como outras fichas, ela deve corresponder a alguma pasta ou arquivo ainda não localizado, com mais dados.

Uma das fichas mais importantes encontradas pela Comissão faz referência ao "Curso na República Democrata Alemã" (sic). Nela, há relato sobre um curso oferecido pelo embaixador da RDA, Werner Hanold, ao Partido dos Trabalhadores, em 1987. Diz que "a 2ª (segunda) secretaria da Comissão Executiva Nacional do Partido designou" 16 (dezesseis)

militantes para as vagas e lista o nome de cada um deles. No final, destaca: "os contatos com o embaixador Werner têm sido feitos por Mauro de Deus, do gabinete da liderança do PT em Brasília/DF". Para Santin, essa ficha é um forte indício de que as atividades de investigação política estão articuladas no país e não apenas em Santa Catarina ou no Rio Grande do Sul, como também já foi denunciado. "Um delegado do DCII também confirmou que o controle agora é feito sobre 'fatos sociais' e isso bate com o que desconfiam as lideranças dos movimentos e com o que vimos lá, ou seja, pastas sobre o Movimento dos Sem Terra, aposentados, greves e servidores, com dados atuais", revelou o deputado do PT.

MORTOS E DESAPARECIDOS.

Nas fichas do período da ditadura militar foram encontradas duas referentes aos mortos e desaparecidos de Santa Catarina, que somam oito militantes políticos. Estão no DCII as fichas de João Batista Rita, de Braço do Norte, visto pela última vez em janeiro de 1974, no DOI-CODI, em São Paulo (continua desaparecido); e de Frederico Eduardo Mayr, de Timbó, morto no DOPS em 1972. Sua ossada foi encontrada no cemitério de Perus, em São Paulo, em 1991. Mayr foi enterrado com nome falso.

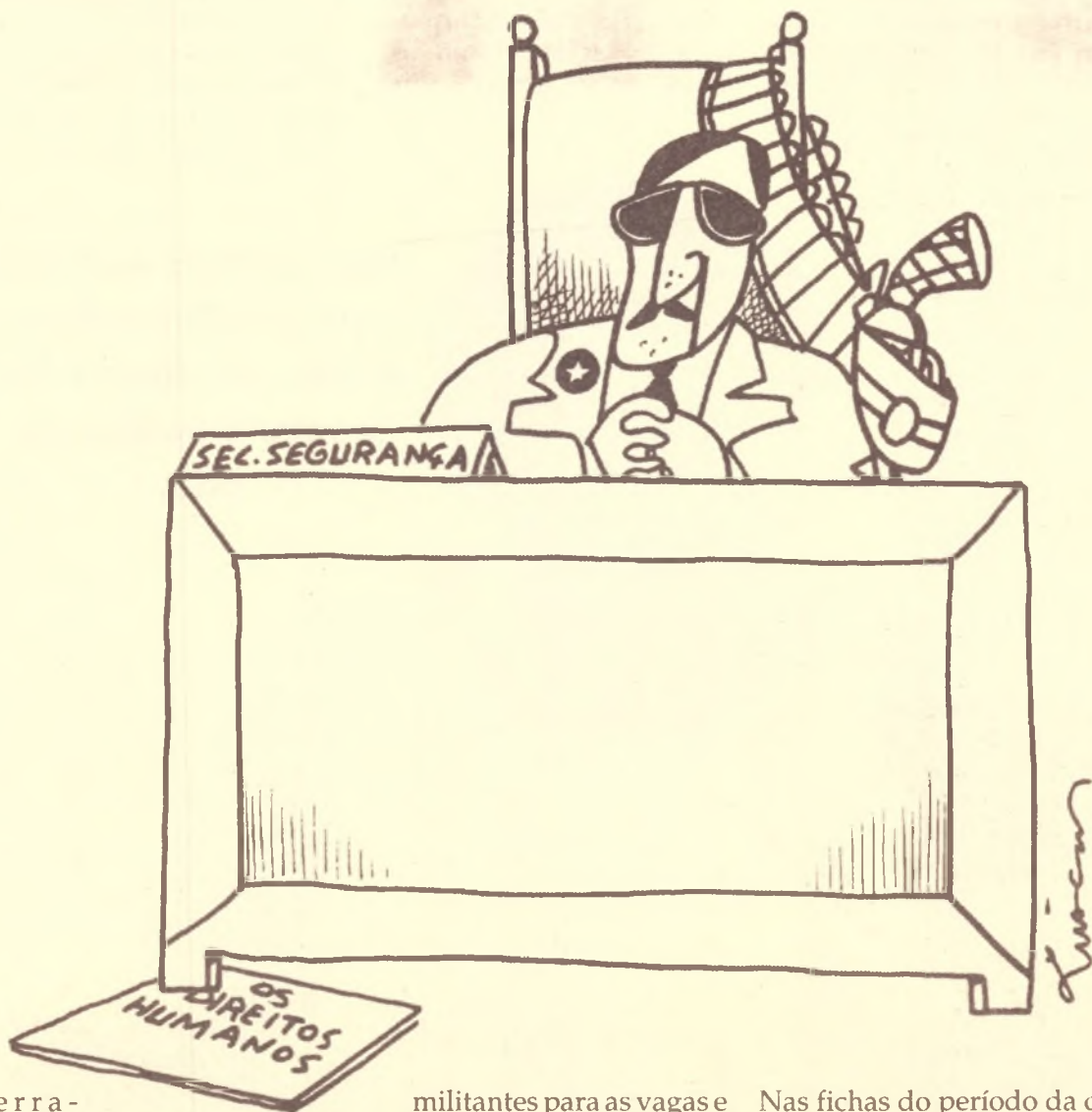
No dia 9 de dezembro, os mortos e desaparecidos do estado foram homenageados em uma sessão especial da Assembleia Legislativa, por proposta do líder do PT. O ato encheu de emoção o plenário, composto ainda por familiares das vítimas da repressão, e lembrou

também o Dia Internacional dos Direitos Humanos, 10 de dezembro. Na solenidade, foi pedida a reabilitação do ex-deputado catarinense Paulo Stuart Wright, eleito pelo antigo PST e cassado em 1964, em um processo absurdo, pela Assembleia Legislativa. Wright, que é natural de Joaçaba, continua desaparecido e, também por iniciativa do PT, o processo de sua cassação será recuperado do interior dos arquivos da Assembleia para se tornar público. Wright foi visto pela última vez no DOI-CODI, em 1973.

TORTURA CONTINUA. Para o deputado federal Nilmário Miranda (PT-MG), presidente de uma Comissão Externa sobre os desaparecidos, "o Exército sabe onde eles estão e o governo precisa tomar providências sobre isso. Sem virarmos essa página da história, não podemos consolidar a democracia", disse, pouco antes da sessão especial.

A CPE agora deve ouvir ex-secretários de Segurança Pública, investigar arquivos de outros órgãos, como Polícia Federal, Marinha e a da Polícia Militar (serviço de informação da PM). Os deputados também irão a Curitiba, onde fica a 5ª Região Militar. Lá, os arquivos são públicos e os parlamentares esperam encontrar boa parte da história de militantes catarinenses. "Queremos recuperar a história inclusive para as novas gerações, que muitas vezes desconhecem os horrores da ditadura", explicou Santin. Porém, com as novas descobertas da CPE, os objetivos foram ampliados. "Vamos até o fim para sabermos como, quem faz e com que motivos persistem as atividades ilegais da polícia política, que agiu inclusive durante o governo estadual do PMDB, entre 1986 e 1990.

CLÁUDIO SCHUSTER,
de Florianópolis



COISAS DO SINDICALISMO

Negociação e contrato coletivo de trabalho é uma publicação do Instituto Cajamar, em co-edição com a Editora Scritta. Cr\$ 39.000,00

O novo sindicalismo. de Ricardo Antunes, faz um balanço de lutas sindicais na década de 80, fundamental para se entender os desafios e as perspectivas do movimento sindical dos anos 90. Cr\$ 46.000,00

Collor, a CUT e a pizza. de Vito Giannotti, conta a história do movimento pelo Fora Collor, destacando a participação do movimento sindical e dos partidos de esquerda. Cr\$ 65.000,00



SCRITTA
Rua Dona Germaine
Buchard, 286
05002 São Paulo SP

À VENDA NAS LIVRARIAS E DIRETÓRIOS DO PT ★ OU DIRETAMENTE NA EDITORA: TELEFONE: (011) 262-1155





Marival sustenta acusações

**Ex-sargento afirma poder provar
que Luciano Siqueira e Teodoro
de Mello foram informantes**

O ex-sargento do Exército, Marival Dias Chaves do Canto, que vem sendo processado pelo dirigente do PCdoB, Luciano Siqueira (ver Brasil Agora nº 29), voltou a carga e numa entrevista dada em Vitória (ES) revela atividades do agora médico Luciano Rosa Siqueira junto aos organismos de repressão.

Como se dá o envolvimento de Luciano Siqueira com os órgãos de repressão?

Ele foi preso e levado para o DOI do IV Exército, que foi o cenário de uma das mais bem sucedidas operações de infiltrações com registros nas forças armadas. Porque de uma só vez conseguiram cooptar para as fileiras da repressão três militantes: Luciano Siqueira, Fernando Augusto Fiúza de Melo e Hamilton de França.

E o que resultou dessa infiltração?

Ele com suas delações deu causa a um grande número de prisões de elementos do PCdoB e da Ação Popular, a AP, que era a sua organização de origem no Ceará, Rio Grande do Norte, Pernambuco, Paraíba, Alagoas e Bahia.

Ele foi beneficiado de alguma forma pelas delações?

Eu posso citar e destacar o relaxamento de sua prisão e a de sua mulher, bem como o abrandamento do processo a que ambos foram submeti-



Marival Chaves

dos. Quando ele aceitou trabalhar para os órgãos de repressão houve uma ingerência na Justiça com o objetivo de eliminar dos depoimentos os fatos que mais poderiam comprometê-los. Por isso, perante o PCdoB, prevaleceu a impressão que Luciano jamais capitulou diante do inimigo.

Bem, o que aconteceu em 1977?

Em 1977 houve a queda do general Sylvio Frota e es-

ses infiltrados foram abandonados. Em 1983 um oficial do Centro de Informações do Exército (CIE), que atuava na agência S-104.1, Rio de Janeiro, chamado Paulo Malhães, o doutor Paulo, se deslocou para o Recife, onde se uniu a uma equipe onde eu atuava, para levantar os hábitos e costumes de Luciano e fazer uma abordagem que mesmo meio ressabiada por parte dele, acabou acontecendo. Eu não

participei dessa abordagem, que foi feita pelo Paulo Malhães. Esse recontato se deu em um endereço em Olinda, para onde ele havia mudado há pouco tempo e foi feito em um sábado em fins de 1981.

E o que acontece depois?

Feito o recontato ele passou a prestar valiosas informações sobre o PCdoB, particularmente sobre a tática e a estratégia de Partido face a sua possível legalização. Ele passou para o seu controlador, o coronel Ênio Pimentel Silveira, as informações sobre as reuniões realizadas pelo Partido em São Paulo. Houve, por exemplo, uma reunião em agosto de 1982 em São Paulo entre os dirigentes regionais do PCdoB e os candidatos, então do MDB, onde foram transmitidas as diretivas a serem adotadas nas eleições de 15 de novembro.

Quem participou dessa reunião?

Participaram: João Amazonas, José Renato Rabello, Ronald Cavalcanti de Freitas, Rogério Lustosa e ainda dirigentes e candidatos dos seguintes estados: Paraíba, Simão de Almeida Castro Neves; Ceará, Gilso e Maria Avelar; Bahia, Lídice da Matta; Pernambuco, Luciano Siqueira.

Você tem mais informações sobre as atividades do Luciano junto aos órgãos de repressão?

Eu tenho elementos a res-

TODA A VERDADE

Luís Eduardo Greenhalg, advogado de Luciano Siqueira, disse a **Brasil Agora** que seu interesse é descobrir toda a verdade. Convencido de que Luciano é inocente das acusações que lhe foram asacadas pelo ex-sargento Marival - que, por mais que relativize sua participação na terror, foi integrante ativo da repressão -, Luís Eduardo acredita que várias das informações fornecidas por Marival são verdadeiras e fornecem pistas importantes para revelar como funcionavam as engrenagens do terrorismo de Estado e sobre o destino dos mortos e desaparecidos.

peito de Luciano Siqueira. Em algum canto do país tem um político que, assim que ele ingressar na Justiça, se comprometeu a prestar depoimento a meu favor, em favor do jornalista Expedito Filho, da **Veja** e em favor da própria **Veja**, confirmando esses detalhes que estou revelando agora. Podem ter certeza de que tudo o que estou dizendo tem comprovação.

E sobre o militante do PCB, Severino Teodoro de Mello?

Não tenho a menor dúvida de que ele também foi infiltrado. Ele disse que vai me processar, por isso na hora oportuna vou apresentar provas de que ele foi infiltrado. Tenho um relato extenso sobre ele e suas atividades.

NILO DOMINGO JR.

Vitória, ES

GUERRILHA DO ARAGUAIA

A VERSÃO OFICIAL

No dia 04 de dezembro a Marinha reconheceu, pela primeira vez em 20 anos, sua participação nas ações de combate à Guerrilha do Araguaia como um "Grupamento Operativo em cooperação com as forças do Exército". Em resposta a uma consulta do jornal **O Globo**, o Ministério da Marinha confirmou que o Corpo de Fuzileiros Navais participou, com 200 homens, da Operação Papagaio, uma investida comandada pelo Exército em 1972, no Araguaia, com a colaboração da Marinha e da Aeronáutica.

Com a confirmação da Marinha, abre-se um caminho para se resolver perto da metade dos casos de desaparecidos políticos do Brasil. Afinal, dos 72 militantes que o Partido Comunista do Brasil deslocou para o Araguaia, 61 figuram hoje na lista dos desaparecidos políticos do regime militar, que após as descobertas em Perus somam 125 casos.

Dossiê. A declaração oficial veio no dia seguinte à divulgação de um dossiê que, no meio da avalanche de denúncias desencadeada pela entrevista do ex-sargen-

to Marival Chaves à revista **Veja**, chegou às mãos do deputado federal Nilmário Miranda (PT-MG), que preside a Comissão Externa da Câmara para desaparecidos políticos.

São 23 documentos secretos da Marinha e 1 do Exército onde, além das ações do Grupamento Operativo dos Fuzileiros de Esquerda, que integrou a Operação Papagaio, existem balanços das ações militares até o início daquela Operação, contando alguns com nome, local, data e situação da morte ou prisão de guerrilheiros.

A Operação Papagaio teve duração de 30 dias, entre setembro e outubro de 1972, e foi comandada pelo Exército, através do Comando Militar do Planalto, sob a liderança do general de divisão Olavo Vianna Moog. O Grupamento Operativo da FFE tinha a missão de,



CACO BISOL

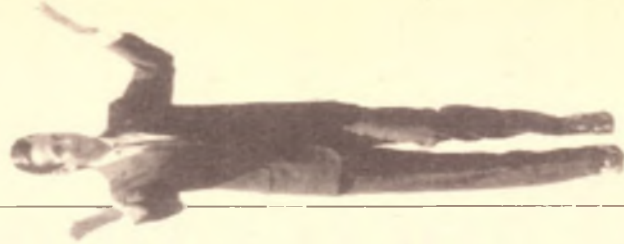
"em ação conjunta com as demais 'Forças Amigas', eliminar os terroristas que atuam naquela região", como relata a "Diretiva de Planejamento 01-72". Num outro documento, assinado pelo capitão-de-corveta, Hermenegildo Pereira da Silva Filho, a ordem expressa para os sepultamentos é de que "os mortos inimigos serão sepultados na selva, após identificação".

A descoberta da guerrilha e as pri-

meiras manobras militares antes da Operação Papagaio são relatadas pelo documento do Exército assinado pelo general-de-brigada Antônio Bandeira, de agosto de 1972. "Em março de 1972, em decorrência de declarações prestadas ao CIEEx por elemento subversivo preso no Ceará, foi levantada a existência de bases de guerrilha na região sudeste do estado do Pará (...) Durante os meses de abril e maio do corrente ano foram (...) desencadeadas operações de informações por elementos do CIEEx, CODI/CMP (...) simultaneamente com operações de abordagem e destruição de bases da guerrilha (...)." Entre abril e julho de 1972, consta nos documentos a morte de seis guerrilheiros e a prisão de 8.

No relatório final do Grupamento Operativo, de outubro de 1972, constam outros 8 guerrilheiros mortos em combate. E os Fuzileiros Navais recebem, então, em nome do Comando Militar do Planalto e 11ª Região Militar, uma carta de agradecimento.

RUTE IMANISHI RODRIGUES



A ética das prioridades

“Noventa e dois foi o ano da explosão da miséria. E foi também o ano da redescoberta dos valores éticos. Agora é preciso incluir a miséria, a pobreza, a marginalidade, como parte dos problemas da ética. Se a esquerda não fizer isso, dificilmente alguém o fará.

Ocorre que a esquerda é em grande parte integrada por setores que foram beneficiados, que ascenderam socialmente, que fazem parte da elite. Além disso, todos os modelos teóricos da esquerda analisam a sociedade do ponto de vista da produção. A esquerda não foi capaz de fazer uma análise do ponto de vista do consumo, que in-

É preciso incluir a pobreza como parte dos problemas da ética

corpore a dimensão dos excluídos.

A esquerda trabalha com a desigualdade, mas não com a diferença, e por isso não consegue compreender o *apartheid* social, aquilo que está além e à margem da produção. No Brasil existe uma desigualdade que opõe os ricos à classe média. Mas há uma diferença que contrapõe os pobres e miseráveis, de um lado, à classe média e aos ricos.

Um dos caminhos para entender esta realidade, e transformá-la, é o da ética. Não a ética do comportamento dos políticos, mas a ética das prioridades sociais, que se mobilize contra a miséria existente no Brasil.

Meu medo é que, se a esquerda não fizer isto, surja espaço para um populismo de direita. Isso é possível porque acabar com a miséria não implica em tanto sacrifício para o grande capital, que pode se reciclar e inclusive tirar pro-

Coordenador da área social do Governo Paralelo do PT e professor da Universidade de Brasília, Cristovam Buarque é no mínimo polêmico. Em seus três últimos livros (ver box), Cristovam ataca tanto a “modernidade” das elites quanto a esquerda, a quem aponta como beneficiária e conivente com o sistema social existente no Brasil, responsável pela marginalização da maioria da população. Confira algumas destas idéias nesta página, em depoimento tomado por Brasil Agora.



No país dos caras-pintadas, há uma legião de barrigas-vazias.

RICARDO FUNARI/IMAGENS DA TERRA

veito da incorporação dos marginalizados ao mercado e à produção. É claro que há setores incapazes de fazer isto: é o caso do latifúndio improdutivo, daquele voltado para a exportação, a especulação financeira. Mas há setores industriais que podem se beneficiar da ampliação do mercado interno.

É preciso lembrar que Collor ensaiou um populismo daquele tipo, ainda que sem ter uma proposta real: seu discurso para os descamisados nunca foi

Setores do capital podem se beneficiar da ampliação do mercado interno

além da caça aos marajás. Acontece que a ponte entre o grande capital e as massas não será feita pelo neoliberalismo. Só uma direita que esteja disposta a intervir ativamente na economia pode fazer aquela ponte.

Se a esquerda quiser ganhar as massas, ela terá que fazer duas coisas. Primeiro,

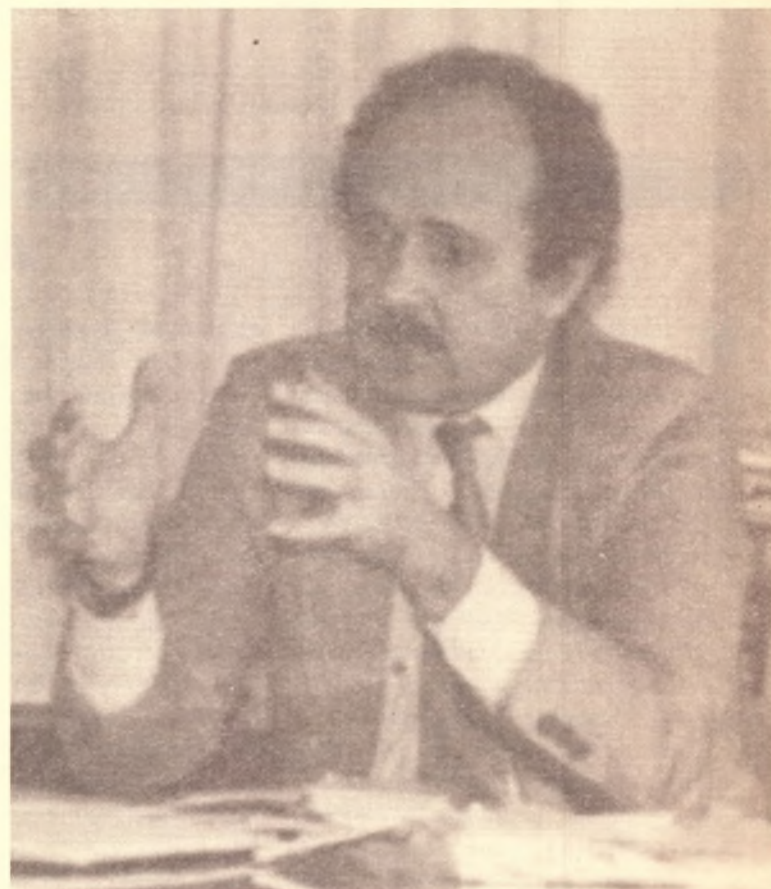
O PT é o único que pode estabelecer a ponte entre as elites e as massas

descobrir e se comprometer com a pauta de reivindicações realmente populares (e não apenas trabalhistas ou sindicais). Segundo, é preciso adotar uma lógica e uma linguagem sintonizada com a cultura do povo.

O PT é o único partido de esquerda que tem condições de fazer isso, é o único que está implantado nacionalmente, é o único que tem credibilidade ética e que possui parte importante de sua liderança originada exatamente dos setores marginalizados e excluídos.

Falta essas lideranças usarem esse sentimento de origem para fazer a ponte entre o proletariado moderno (que é parte das elites) e as grandes massas.

Não é possível romper com o *apartheid* sem fazer uma ponte com as elites. Mesmo Mandela já



LUCIANO DE ANDRADE/FOHIA IMAGEM

descobriu isso, e abandonou o discurso de jogar os brancos no oceano. A ponte com as elites é temporária, até porque continuo acreditando na utopia de uma sociedade onde o trabalho será dono de todo o produto. Mas não acredito que esta utopia seja rea-

A trilogia de Cristovam Buarque é composta por A desordem do progresso (o fim da era dos economistas e a construção do futuro); O colapso da modernidade brasileira (e uma proposta alternativa); A revolução na esquerda e a invenção do Brasil.

A desordem do progresso se concentra na crítica ao conteúdo conservador e elitista das idéias da moda: a modernidade, o progresso, a ética, a ciência. O colapso da modernidade brasileira discute a lógica do desenvolvimento nacional, baseada no *apartheid* social, e relaciona os grandes meios pelos quais ele pode ser superado.

A revolução na esquerda discute os impasses ideológicos e políticos da esquerda brasileira, especialmente do PT, ajudando a entender porque o povo “não vota majoritariamente em um partido que parece representar melhor os interesses populares”.



22/1: Ao perceber que se avolumam denúncias de corrupção contra três de seus ministros (Magri, Margarida Procópio e Alcení Guerra), o presidente Collor os demite, e conduz ao Planalto três raposas do PFL: Ricardo Fiúza, Reinhold Stephanes e Jorge Bornhausen. Os conservadores aplaudem, pois vêem na mudança o início de um governo "de mãos limpas".

30/1: O governo celebra com o Fundo Monetário Internacional um acordo de dois anos que impõe cortes severíssimos aos gastos estatais mas acena com inflação de 2% ao mês, em dezembro de 1992.

27/2: Volney Abreu Ávila, ex-diretor de Arrecadação e Fiscalização do INSS, diz que tentou por três meses levar ao presidente uma fita gravada em que o ex-ministro Magri propunha-lhe "rachar" propinas.

26/3: Os presidentes da Associação de Montadoras, Luiz Adelar Scheuer, e do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo, Vicentinho, e a secretária Dorothea Werneck, pelo governo, assinam um acordo sobre preços, salários e impostos na indústria automobilística.

1/4: Após novas denúncias de corrupção, que atingem um auxiliar muito próximo, o secretário de Assuntos Estratégicos Pedro Paulo Leoni Ramos, Collor articula a renúncia coletiva do ministério. Tenta compor um equipe baseada no PSDB, que chega muito próximo da adesão mas recua na última hora. Acaba montando um time que traz de volta ministros da ditadura, como Calmon de Sá e Pratini de Moraes, e tem tucanos em postos secundários, como Celso Lafer, Hélio Jaguaribe e José Goldemberg.

20/5: Depois de lançar uma série de denúncias sobre o esquema de corrupção do empresário PC Farias no governo federal, e de ser rechaçado por membros do governo e de sua família, Pedro Collor, irmão do presidente da República, dá entrevista bombástica a *Veja*. "Eu não acho, eu afirmo categoricamente que o PC é o testa-de-ferro do Fernando", diz ele. A entrevista torna inevitável a instauração de uma CPI do Congresso sobre o tema, até então defendida apenas pela esquerda.

10/6: Começa no Rio a Conferência da ONU sobre Meio-Ambiente e Desenvolvimento (ECO-92). Os EUA recusam-se a assinar compromisso com a biodiversidade. As Forças Armadas ocupam a cidade por duas semanas e afastam os pobres do centro.

28/6: Francisco Eriberto, motorista da secretária de Collor, Ana Acioli, dá entrevista a *Isto É* e relata que ele próprio retirava das contas bancárias da chefe somas depositadas minutos antes em São Paulo, por assessores de Paulo César Farias. O dinheiro era usado para fazer remessas a parentes do presidente e pagar salários e contas de luz e telefone da Casa da Dinda.

8/7: A Polícia Federal toma em São Paulo o depoimento do empresário Antonio Ermírio de Moraes, acusado de participar do "esquema PC". Ao invadir semanas antes duas sedes da EPC - empresa-fantasma de Paulo César Farias - a PF descobriu centenas de notas fiscais frias, emitidas em nome do grupo de Ermírio e de alguns dos principais líderes empresariais do país.

11/8: Centenas de milhares de estudantes saem às ruas em São Paulo e no Rio, em manifestações convocadas pela UNE para pedir o impeachment de Collor. Nas semanas seguintes o movimento irá se espalhar por todo o país e reunir multidões cada vez maiores.

16/8: As ruas de quase todas as capitais vestem-se de negro, em grandes manifestações populares em resposta a Collor, que dias antes convocara o povo a usar roupas verde-amarelas em seu apoio.

26/8: A CPI do caso PC encerra suas atividades aprovando por 16 votos a 5 um relatório que pede o impeachment de Collor.

29/9: A Câmara Federal aprova, com dezenas de votos a mais que os 336 necessários, a autorização para que o Senado faça o julgamento de Collor por crime de responsabilidade. O povo acompanha e festeja nas ruas.

2/10: O vice-presidente Itamar Franco toma posse



JOSÉ PAULO LACERDA/AE

MATUTTI MAYEZO/FI

JOSÉ PAULO LACERDA/AE

MATUTTI MAYEZO/FI

SÉRGIO ANDRADE/FI

ANTÔNIO BATALHA/FI

CECÍLIA PEDERSON

MATUTTI MAYEZO/FI

MONICA ZARATTINI

ANDRÉ DUSEK

ANTÔNIO BATALHA/FI

JOSÉ VARELA/FI

OS FATOS QUE ABALARAM 1992

A síntese, no Brasil, do ano em que derrubamos nosso primeiro presidente

e a monta seu ministério. Os assessores econômicos divulgam logo após tomar posse um documento em que se comprometem, na essência, com os pontos essenciais da política neoliberal de Collor. O próprio presidente, no entanto, inicia uma série de ataques retóricos contra os projetos que seu antecessor iniciou, e os conservadores consideram ainda válidos.

2/10: A Polícia Militar de São Paulo reprime brutalmente a uma rebelião de presos corriqueira na penitenciária do Carandiru. 111 detentos são assassinados, a maior parte deles quando já rendidos e trancafiados em suas celas.

3/10: Primeiro turno das eleições municipais. As forças de esquerda e de centro esquerda beneficiam-se da mobilização popular pelo impeachment, e ampliam substancialmente sua votação nas capitais. No interior, no entanto, onde o PMDB e o PFL conseguem manter sua força tradicional, os progressistas alcançam resultados pouco expressivos.

11/10: Um desastre de helicóptero mata o deputado Ulysses Guimarães e o ex-ministro Severo Gomes.

18/10: Um "arrastão" promovido por menores no Rio de Janeiro é utilizado para combater a candidata Benedita da Silva, do PT.

29/10: Cumpre-se o calendário estabelecido no governo Collor, e acaba a reserva de mercado para computadores nacionais. Micros importados inundam o país e fazem a festa dos ricos e da classe média.

5/11: Itamar envia ao Congresso sua proposta de reforma fiscal. Ela procura solucionar a crise financeira do Estado sem cortar os juros estratosféricos pagos aos grandes capitalistas, e criando, ao invés, novos impostos que atingem também os assalariados.

15/11: Segundo turno das eleições municipais. A esquerda obtém resultados importantes em todas as regiões do país e conquista as prefeituras de Porto Alegre, Belo Horizonte, Salvador, Natal, São Luiz e Goiânia. Perde porém em São Paulo e no Rio.

15/11: O ex-sargento Marival Chaves, que serviu no DOI-CODI, denuncia, em entrevista a *Veja*, o sub-mundo da repressão dos governos militares aos partidos da esquerda. Aponta a existência, durante a ditadura, de organismos especializados em fazer desaparecer os corpos de opositores mortos sob tortura.

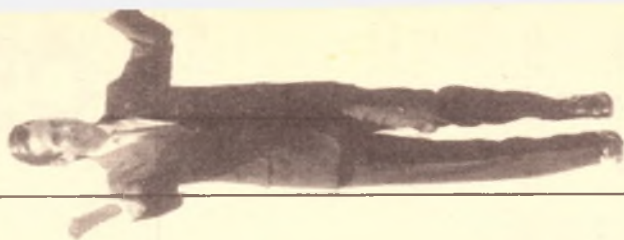
19/11: Itamar manda suspender o leilão da Ultraféril. A direita reage com críticas severas e passa a qualificar freqüentemente de "populistas" o governo e seu chefe.

19/11: A CPI da privatização da Vasp encerra suas atividades de forma melancólica: sem averiguar as denúncias que pesam contra o ex-governador de São Paulo, Orestes Quêrcia.

27/11: O governo se indispõe agora com a direita. Em reunião ministerial, o presidente Itamar Franco decide suspender a aprovação do programa econômico de curto prazo que havia sido sugerido pelos ministros Gustavo Krause e Paulo Haddad.

16/12: Agastado com as consultas de Itamar ao economista Décio Munhoz com o adiamento, na véspera, do leilão da CSN e com os constantes atritos entre o governo e os grandes empresários, o ministro Gustavo Krause pede demissão.

1992



O ANO QUE BALANÇOU

O recado das urnas

**A vitória foi da centro-esquerda,
mas certos erros impediram
um desempenho melhor do PT.**

OS IMBECIS

É como se o tempo houvesse retrocedido ao puro gelo da era Médici: o jornalista Enock Cavalcanti foi condenado agora em dezembro a uma pena de onze meses e dez dias de detenção, em regime fechado, por ter escrito um artigo contra o exercício desabusado da censura eleitoral pelo juiz Mário Atheie nas eleições de 1988.

Enock Cavalcanti é hoje assessor de imprensa da deputada Serys Slhessarenko, líder do PT na Assembleia Legislativa do Mato Grosso. Segundo o juiz federal, Cavalcanti, julgado em segunda instância, per-

MAX FIGUEROA



deu o prazo para recorrer e terá de cumprir a pena "em um quartel militar de Cuiabá". O mandato de prisão contra o jornalista já foi emitido.

O juiz Mário Atheie baseou-se na Lei de Imprensa para processar Enock por infâmia e injúria. Eis o trecho mais duro do artigo escrito pelo jornalista: "Eu desconfio muito de quem defende a prática a censura. Primeiro, é alguém que agride a nova Constituição brasileira, poucos dias depois dela ser promulgada. Segundo, é alguém que pensa que o povo é imbecil. (...) E quem pensa que o povo é imbecil, o que se acaba revelando, senão a si próprio como o imbecil da questão?"

Resta saber quem são os imbecis.

JUAREZ GUIMARÃES



balanço das eleições de prefeitos e vereadores deve começar por destacar que, ao contrário de muitas avaliações pessimistas, o eleitor cidadão participou e compareceu às urnas. Não houve a tão falada avalanche de votos brancos e nulos.

Realizado sob o impacto da CPI e do impeachment de Collor, o 1º turno foi quase que totalmente tomado pelo debate nacional e pela questão da luta contra a corrupção e a defesa da ética na política.

É importante também destacar que apesar da predominância de um tema político-nacional - a CPI do PC - não ficou de lado a questão municipal, os programas de governo e o debate sobre alternativas de políticas públicas.

Isto é produto da realização de 7 eleições desde 1982 (10, se contamos os três turnos de 1989, 1990 e agora 1992) e da grave crise econômica e social nas grandes cidades e capitais, que levou o eleitorado a avaliar os governos eleitos em 1988 e a exigir soluções aos partidos e candidatos em outubro passado.

Pelos resultados eleitorais, fica evidente que a vitória no 1º e 2º turno foi da centro-esquerda, composta pelo PT, PSDB, PSB, PPS, que venceu em 12 capitais, fora a vitória do PDT em 4. Se considerarmos as vitórias do PMDB em Recife, Rio de Janeiro, Campo Grande e Fortaleza, veremos que a direita, com exceção da vitória de Maluf em São Paulo, foi varrida das capitais do país e mesmo das grandes cidades.

Brizola, Antônio Carlos Magalhães saem derrotados. Quêrcia e Fleury perdem em São Paulo e nas principais capitais, com exceção do Rio. No Rio Grande do Sul, Tarso Genro e o PT derrotaram 5 go-

vernadores: Brizola, Simon, Guazelle, Jair Soares e o atual Alceu Collares.

A tendência de centro-esquerda do eleitorado favorece as perspectivas da candidatura presidencial de Lula em 1994. Mas, para isso, o PT precisa mostrar capacidade de governar em coalizão as cidades que ganhou, além de desenvolver uma política de alianças no parlamento e frente ao governo Itamar. Tarefa difícil, já que, com exceção do PT, todos os partidos que se aliaram conosco participam daquele governo. Fica evidente que podemos obter uma grande vitória em 1994, seja no parlamento, seja na disputa presidencial.

O PT sai destas eleições como o partido mais votado nas capitais no 1º e 2º turno, com vitórias expressivas, ganhando 56 prefeituras, entre elas 4 capitais - Belo Horizonte, Porto Alegre, Rio Branco e Goiânia - e importantes cidades como Londrina, Quixadá, Itabuna, Ribeirão Preto, São José dos Campos, Santos, Betim, São Vicente e Diadema.

Foi reafirmado o caráter nacional do PT e sua implantação eleitoral nas cidades grandes e médias do país.

A direita, mais uma vez, consciente de que o PT é uma alternativa de poder, desencadeou em nível nacional uma campanha contra o partido apoiada em dois temas: no suposto sectarismo e na incompetência, sedimentando

e ampliando a rejeição de uma parcela do eleitorado ao PT.

Perdemos as eleições em São Paulo, na capital, em São Bernardo, Santo André, Piracicaba, Jaboticabal, além de outras prefeituras em Minas Gerais, Paraná e a cidade de Vitória, no Espírito Santo.

As causas da derrota são evidentes: união do PMDB com a direita malufista, escolha errada de candidatos, insuficiência de nossas administrações, ausência de um perfil político e de disputa nos governos, campanhas erradas e também a força de nossos adversários, do poder econômico e mesmo o uso das máquinas de governos estaduais.

As vitórias em Porto Alegre e Santos são significativas porque são a prova de que é possível vencer, governar e ganhar hegemonia político-social; são exemplares, já que evitaram os erros apontados

como causas de nossas derrotas.

As derrotas em Curitiba, Belém, Cuiabá, São Luís, Natal, são também exemplares; a ausência de uma política de alianças, mesmo quando o PT não foi o responsável, nos levou a resultados fracos, além da derrota.

Mais grave foi o recuo frente aos ataques ao PT e o imobilismo frente ao crescimento de rejeição ao PT estimulado pela direita. O comportamento passivo, principalmente na televisão, desmobilizou a militância e deixou o eleitorado sem respostas.

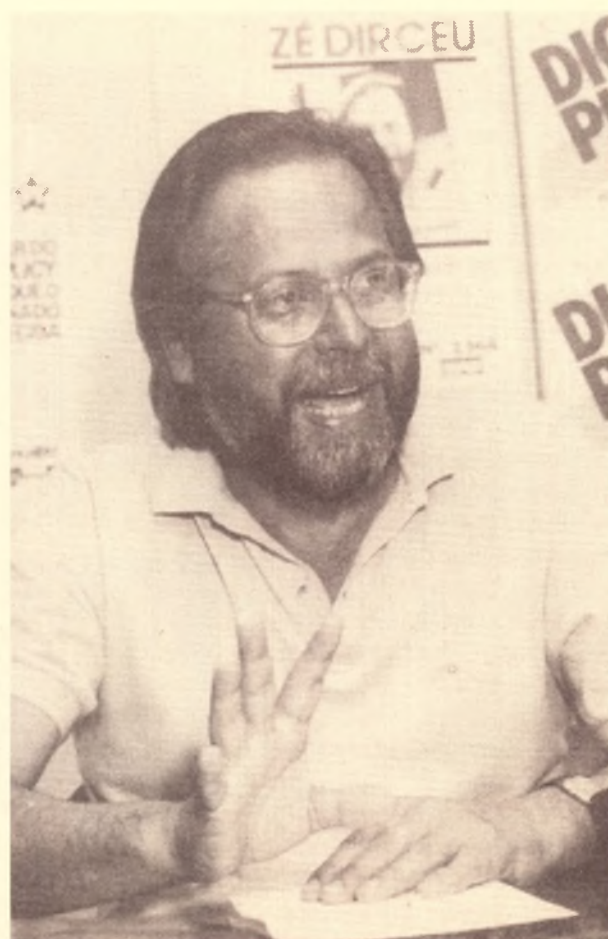
Precisamos resolver de uma vez o problema da direção política das campanhas,

pois muitas foram apropriadas por candidatos e assessores, particularmente na área da propaganda e da televisão, com resultados desastrosos.

Se é verdade que nossa política de alianças foi correta e ampliou nossas vitórias, também é fato que nossa fraca implantação nas cidades e principalmente nos setores pobres da população nos levou à derrota. O PT precisa "crescer para baixo", precisa se organizar nas cidades médias e não pode descuidar de sua ligação com o movimento sindical e popular.

Precisamos tirar lições das vitórias e derrotas de 1992. Não será possível vencer e governar em 1994 sem superar os erros e as insuficiências reveladas na disputa municipal.

JOSÉ DIRCEU,
Deputado, PT-SP



WILSON MELLO / FOLHA IMAGEM

DEBATENDO O SOCIALISMO

O sistema soviético: relato de uma polémica, de Fernando Haddad, expõe e debate as várias teorias que buscam explicar qual seria (ou teria sido), afinal, o caráter social do sistema soviético. Cr\$ 139.000,00



Socialismo, impasses e perspectivas. Organizado por Rubens Pinto Lyra, Interlocutores marxistas da Europa e do Brasil discutem como construir uma identidade socialista moderna. Cr\$ 103.000,00



À venda nas livrarias e diretórios do PT ou diretamente na Editora. Telefones: (011) 262-1155 ★ 871-5550 ★ Fax: (011) 864-9320

SCRITA
Rua Dona Germaine Buchard, 286
05002 São Paulo - SP

FELIZ NATAL,
FELIZ ANO NOVO, E
PAU NO MALUF!



10 BRASIL
AGORA

21/12 de 1992 a 24/01 de 1993

1992 foi o ano da volta dos estudantes às ruas, à cena política.

Foi ótimo, a moçada aí na rua. Só me pergunto se eles têm idéia do avanço que houve, dos meus tempos aos atuais, no sentido de que os militares estão fora do páreo. Antigamente, em qualquer situação difícil, você começaria a ouvir o Clube Militar, as Forças Armadas... O fato deles estarem fora, terem se desmoralizado, é um elemento extremamente positivo, a única coisa que me dá, realmente, uma esperança. É ver que o Brasil, a nação civil, a nação democrática, tenha que se encarregar de seu próprio destino sem apelar para os milicos.

É conhecida sua opinião sobre o conservadorismo da imprensa brasileira. Como vê o seu papel durante a crise de 1992?

Nesse momento eu acho o papel da imprensa muito positivo. Não há censura, evidentemente, e a imprensa se vale disso. Não para beber num despenhadeiro de desaforos e críticas sem pé nem cabeça, mas para calçar, ajudar a movimentação no sentido de aperfeiçoar a democracia brasileira. Que, afinal de contas, é nisso que se resumiu o afastamento do presidente Collor.

Numa entrevista há três anos o sr. demonstrava amargura diante dos rumos do país, da passividade do povo brasileiro. Mudou alguma coisa?

Já estou de saco tão cheio de ouvir falar mal da situação que já nem gosto mais de tocar no assunto. Você não pode negar que a situação do país é realmente muito lamentável. A imprensa é livre para atacar, esculhambiar. Mas tem uma coisa: essa onda de corrupção é uma coisa fantástica, isso de cada dia você pegar um caso novo, um cara novo dentro da máquina do governo.

Mas não seria o fato da imprensa viver num momento de liberdade a causa do aparecimento da corrupção em série? Casos assim não teriam existido durante toda a história da República, só que antes ocultos pela censura?

Eu sei, mas esse carnaval de corrupção não foi a situação do Brasil sempre. Por exemplo, a ditadura de Var-

gas tinha corruptos, como há em qualquer país do mundo. Mas o poder era respeitável. A vida particular do Getúlio era respeitável, não só como homem de família, também os seus ministros.

Mas a massa propriamente dita não continua esperando por um patriarca. Em outras palavras, o povo brasileiro não continua meio Macunaíma?

O povo vai continuar sendo macunaímico enquanto ele continuar desalfabetizado, deseducado, desinformado. Ele não sabe que direitos tem...

Mas o que sabia o povo russo em 1917?

Em grande parte também era muito ignorante. A revolução russa foi, como todas as revoluções que tiveram êxito, comandada por um grupo de intelectuais exaltados, informados, que resolveram mudar aquela situação. Acho que o Brasil devia ter passado por um processo revolucionário duro, forte, pra acabar com essa classe dominante que vem desde o tempo da escravidão, que nunca mudou. Há essa coisa sacana que é facilitar muito pouco a instrução para manter uma classe escravizada. Num país como o Brasil muito pouca gente tem o comando absoluto de tudo, o resto trabalha, trabalha, trabalha, e não sabe de nada. Essa situação, sem ser por um processo revolucionário, dificilmente se altera. Ninguém entrega nada não, vantagem ninguém entrega.

E o Brasil, no contexto da chamada "nova ordem mundial"?

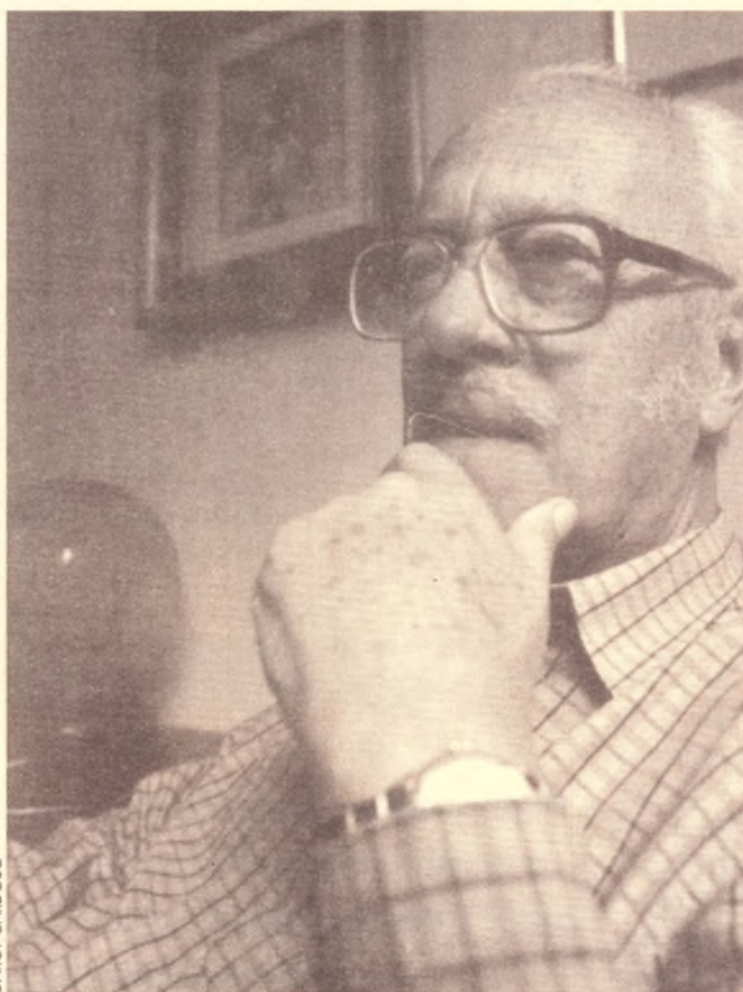
Lamentável. Em países ainda pré-revolucionários, como o Brasil, essa mudança na situação internacional dá força às classes conservadoras. Qual o grande tema da imprensa brasileira hoje em dia? Está provado que você tem que obedecer ao mercado, são só as leis do mercado. Leis de mercado num país já alfabetizado, como na Europa Ocidental, é uma coisa. Mas lei de mercado, no Brasil, é lei de escravidão. O Brasil perdeu sua chance de fazer uma revolução séria, não conseguiu. Por isso em 1989 votei no Brizola, e no 2º turno votei no Lula, os candidatos de esquerda.

Brizola teria força para isso?

Jornalista e escritor, romancista e dramaturgo, autor de sucessos como Quarup, Reflexos do baile, Sempre viva, entre outros, Antonio Callado avalia 1992 à luz do nosso século e tanto de República, em entrevista concedida a Eduardo Maretti.

Quem diz que não tem jeito?

Numa avaliação ao mesmo tempo serena e provocante, o escritor Antonio Callado declara esperança



DARCY CARDOSO

Os militares estão de fora. Isso dá realmente uma esperança.

No Brasil muito pouca gente tem o comando de tudo.

O resto trabalha, trabalha, e não sabe de nada. Lei de mercado, no Brasil, é lei de escravidão.

Eu acho que teria, é um político hábil. Ele sabe as coisas que são necessárias. Mas não é tolo. Não ia chegar lá e desfraldar bandeiras de reforma agrária radical do dia para a noite. Ele não é bobo, sabe que vai provocar uma reação tão grande que aí acaba numa revolução ao contrário, conservadora, para piorar tudo. O próprio Lula, uma pessoa que, em termos de política, é menos preparada que o Brizola, mais ingênuo até, é inteligente o bastante para, se eleito, não fazer a reforma agrária no dia seguinte sem consultar as classes conservadoras. Ele não é doido. Como não fizemos a revolução, vamos suar até chegar lá. Mas temos que chegar pela maneira mais curta. Eu nunca imaginei que o Collor fosse fazer grandes mudanças estruturais. Sem termos um homem de esquerda não vai. Não tem desculpa mais, como a de que a União Soviética vai ocupar o país... Não existe mais isso, nem União Soviética. Sei lá por quê, os russos perderam o gosto pela vida, pela luta, resolveram entregar a rapadura de graça. Eu acho um capítulo sombrio esse, o da autodissolução da União Soviética. Mas acabou, tudo bem. Eu espero que o próximo governo brasileiro seja realmente mais voltado para as reformas de base. Sem essas modificações o Brasil vai ser sempre um país de segundo time.

O sr., como jornalista, começou em 1937, quando se instaurou o Estado Novo. Viu antes 1930, 1932, depois a Segunda Guerra, 1964, AI-5... O sr. acha que esse momento de hoje pode representar, como acreditam alguns, uma revolução pacífica, já que a revolução que deveria ter havido não houve?

O Brasil tem uma chance de começar a se governar - não numa revolução, o clima não é esse. Uma chance da sociedade civil, dos jornais, das pessoas, do Congresso julgarem o que está errado e realmente partirem para a criação de um Estado moderno. Não no sentido pobre que o presidente afastado imaginava. Moderno no sentido de imprensa livre, julgamento livre, Congresso responsável. Aí há uma esperança positiva. Não é revolução no momento não.

Revolução, como esperança, foi no meu tempo, e não funcionou, a gente foi preso, em suma, não deu certo. O Brasil está num estágio diferente, e muito interessante, no sentido da responsabilidade puramente civil de resolver os problemas.

NOTA DA REDAÇÃO

A entrevista do escritor Antonio Callado tem ainda uma segunda parte, sobre a situação de Cuba, que publicaremos num próximo número.

AS TRINCHEIRAS DO SONHO

Nenhum homem é estrangeiro é o romance autobiográfico de um jornalista americano, que nos fala de um lado desconhecido dos Estados Unidos: as lutas operárias, o movimento em defesa dos direitos civis, a imprensa sindical e socialista. Cr\$ 75.000,00

Livro de memórias e de aventuras, novela da cultura e da política de 68, e também uma história de amor. **As jovens damas vermelhas cada vez mais belas** é um romance sobre os que viveram quando era proibido proibir. Cr\$ 63.000,00



SCRITTA EDITORIA

EDITORA PÁGINA ABERTA LTDA.
Rua Dona Germaine Burchard, 286
05002 São Paulo - SP

À VENDA NAS LIVRARIAS E DIRETÓRIOS DO PT ★ OU DIRETAMENTE NA EDITORA: TELEFONE (011) 262-1155

Uma opção mais democrática

A discussão sobre sistema de governo, antes de ser ideológica, é acima de tudo política. Trata-se de perceber, a partir do funcionamento técnico-político, qual dos dois regimes oferece mais vantagens democráticas. Existem boas razões práticas para supor que o parlamentarismo é mais democrático.

A experiência histórica mostra que o presidencialismo não funcionou até agora em toda a América Latina. Caracterizou-se como um modelo institucional a serviço das elites, seja para concentrar capital, para oprimir a luta por direitos ou para manter as massas deserdadas da cidadania. O presidencialismo caracterizou-se também por abrir as portas para ditaduras militares. Sempre que os setores populares ameaçam o *status quo* das elites, a instituição presidencial mostra-se incapaz de mediar o conflito. O anti-reformismo do presidencialismo o faz incapaz de estabelecer equilíbrio e justiça sociais.

Quando os países da América Latina não vivem períodos de ditaduras abertas, o presidencialismo permite que as Forças Armadas exerçam uma tutela militar - mais ou menos intensa de acordo com as circunstâncias de cada país - sobre o sistema político. Somada ao poder imperial do presidente e ao formalismo do Parlamento, a tutela faz do presidencialismo um regime de semi-ditadura. Existem momentos de funcionamento democrático, mas existem outros de bloqueio do sistema político, de cerceamento de liberdades e de repressão aos movimentos sociais.

A essência do parlamentarismo consiste em que o governo só se instala com a autorização do Parlamento. O governo goza da confiança da maioria parlamentar e é politicamente responsável perante a Câmara dos Deputados. Este princípio da responsabilidade, que está fundado no voto de censura que o Parlamento pode emitir contra o governo, representa condições de vantagem do parlamentarismo sobre o presidencialismo, nos seguintes pontos: a) permite uma maior fiscalização dos deputados sobre as atividades do executivo; b) reduz enormemente a possibilidade de formação de governos com minorias políticas; c) reduz o potencial de crise institucional na medida em que as crises políticas são solucionadas, normalmente, com a formação de um novo governo.

Três consequências importantes podem ser deduzidas desse processo: a) a sociedade adquire maior poder de controle sobre o governo através da pressão sobre os parlamentares; 2) o parlamentarismo induz o governo a uma ação mais eficaz em decorrência dos mecanismos de controle da sociedade e do Parlamento sobre o mesmo; e 3) pela razão anterior e também porque há um menor espaço para a troca de favores entre o governo e o Parlamento, diminuem as possibilidades de corrupção. Por estas e outras razões o parlamentarismo é uma opção mais democrática.

JOSÉ GENOÍNO
Deputado Federal PT-SP

Inauguremos o presidencialismo!

O Brasil carece de uma tradição republicana. Dizer que na República a experiência presidencialista não deu certo é esquecer as origens de nossa República, num golpe militar onde o Exército usurpou o Poder Moderador de D. Pedro II, e sua continuidade de vida pública truncada. A República Velha, seja sob a "ditadura parlamentar" de Pinheiro Machado, seja sob a política do café com leite, onde a questão social acabou considerada caso de polícia, não foi propriamente republicana, mas herdeira das oligarquias deserdadas pelo fim da escravidão e do império. Depois, com a meia revolução de 1930, inaugurou-se o império getulista, que acabou no Estado Novo. Dezoito anos de democracia populista desaguaram no golpe de 64, precedido pelo golpe parlamentarista de 1961, cortado pelo plebiscito de 1963. O regime militar esvaiu-se, mas deixou seu legado na fragilidade da Nova República, e ainda abriu

espaço para o populismo entreguista de Fernando Collor. Atribuir essa eterna crise da vida republicana brasileira, provocada pela sanha golpista das elites, ao presidencialismo, é o mesmo que atribuir a ascensão de Adolf Hitler ao parlamentarismo, porque ele era primeiro-ministro.

Em 1930 Vargas inaugurou o comício (na Esplanada do Castelo) como caminho em eleição presidencial, num gesto que não se completou. Jamais o espaço da vida pública se constituiu de forma estável e ampla no Brasil, sempre puxado para os paços e gabinetes. Para constituir este espaço, dentro de nosso acúmulo cultural e de nossas lacunas, não se pode prescindir de um momento de acesso direto ao espaço de exercício do poder - que a eleição presidencial, direta, pelo voto universal, representa, e com o campo de poder que a presidência deve ter - emanando do povo e sendo exercido em seu nome e para seu bem-estar - para citar um velho chavão liberal, da boa cepa.

O Brasil necessita ainda resgatar o princípio republicano em sua vida pública, dentro dos

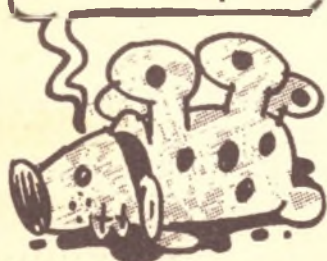
parâmetros de sua história. Não adianta fingirmos que somos o que não somos: nem o hábito faz o monge, nem o fraque, o inglês. Siamo um país de tradição lusa, sebastianista, de presença africana e nativa e de correntes migratórias mais recentes, o que deu origem a um "povo novo", a cavar e a construir sua própria tradição. Não adianta fugir do espelho: acabaremos como o personagem de Machado, enlevado pelas próprias roupas, que não se vê mais, se as despe. Precisamos, isto sim, é de banhos periódicos de politização. Presidencialismo, com repartição real de poderes.

FLÁVIO AGUIAR
Professor da USP e editorialista do *Brasil Agora*



Acompanhe nas próximas edições do Brasil Agora a continuidade deste debate que se estenderá até 21 de abril de 93, data do plebiscito nacional sobre o sistema de governo.

CONCLUSÃO DA CPI DO CARANDIRU: 111 CULPADOS E UMA VÍTIMA: FLEURY!



O SOCIALISMO JÁ ERA?

Durante 86 dias, entre junho e setembro de 1990, Wladimir Pomar percorreu um trajeto que vai da Alemanha reunificada à Albânia - passando pela Polônia, Checo e Eslováquia, Hungria, Iugoslávia, Bulgária, Romênia e URSS.

Rasgando a cortina discute a experiência do socialismo construído nos países do Leste Europeu, numa tentativa de compreender as razões de seu fracasso. Cr\$ 46.000,00

A miragem do mercado é uma análise do processo de reintrodução do capitalismo naqueles países, suas contradições, seus limites e seus mitos. Cr\$ 50.000,00



Rasgando a Cortina e A Miragem do Mercado fazem parte de uma trilogia. O terceiro volume - **A Ilusão dos Inocentes** - será dedicado a discutir as perspectivas futuras da luta pelo socialismo.

SCRITTA EDITORIA

EDITORA PÁGINA ABERTA LTDA.
Rua Dona Germaine Burchard, 286
05002 São Paulo - SP

À VENDA NAS LIVRARIAS E DIRETÓRIOS DO PT ★ OU DIRETAMENTE NA EDITORA: TELEFONE (011) 262-1155

O crepúsculo dos deuses

A religião do mercado perde adeptos aceleradamente. Mas sua ideologia ainda sobrevive com força



MAX FIGUEROA

Sucedem-se as derrotas do neoliberalismo. Desde o país mais poderoso do mundo, Estados Unidos, até a remota República da Irlanda, vêm sendo nocauteadas as coligações reacionárias carreadoras do projeto neoliberal de destruição dos sindicatos e desmantelamento do Estado. No Brasil, perderam seu agente principal, Collor de Mello, num movimento cívico comparado por alguns observadores ingleses à decapitação de Carlos I, após a qual a monarquia britânica, apesar de restaurada, nunca mais foi a mesma.

Mas, estaria morta e enterrada a contra-revolução neoliberal? Para responder a essa pergunta é preciso entrar nos pormenores, tanto das sucessivas derrotas como de suas esporádicas vitórias. A principal destas últimas foi a de John Major na Grã Bretanha, por um triz, prometendo a recuperação econômica que não veio, dando aos eleitores o pretexto necessário para não votar nos trabalhistas. Mas a causa real de sua sobrevivência foi a profunda erosão na credibilidade da alternativa ao neoliberalismo, o Partido Trabalhista. Hoje, segundo as pesquisas de opinião pública, com a sucessão de escândalos no governo, 435 mil sem-teto e o desemprego se aproximando da casa dos 3 milhões, 48,4% dos eleitores dizem que votariam nos Trabalhistas e apenas 32% nos conservadores.

Mas será que na hora de

votar não se iludiriam de novo com o projeto neoliberal? Muitas de suas conquistas ideológicas sobrevivem, reforçadas pelo colapso paralelo das economias planificadas do Leste europeu. Entre elas a vergonha da condição operária e a crença no mercado. As mesmas pesquisas Gallup mostram que o povo repudia outras propostas neoliberais, especialmente a de desmantelamento do serviço estatal de Saúde e a privatização dos transportes.

NA PÁTRIA DO NEOLIBERALISMO. Também foi relativa a vitória de Clinton, minoritária, pois votaram apenas 45% dos eleitores e desses ele recebeu apenas 43%. No entanto, deu-se o maior comparecimento eleitoral nos Estados Unidos, após décadas de declínio na qualidade da democracia americana. E no rol da campanha de Clinton aconteceu uma profunda transformação no caráter do Partido Democrata, com o reengajamento dos ativistas negros, sindicalistas e intelectuais liberais.

Clinton é a consequência lógica da rebelião de Los Angeles, na primeira semana de maio. A revolta dos que durante 12 anos foram esmagados pela contra-revolução de Reagan e Bush, que tirou dos pobres para dar aos ricos (sob o pretexto de que isso criaria demanda e a recuperação econômica). A proporção de famílias vivendo abaixo da linha de pobreza subiu

de 10 para 15% entre brancos e de 30 para 34% entre negros. Se há uma diferença entre Clinton e Bush, ela está no rechaço do neoliberalismo como modalidade de ideologia dominante, o que terá profunda repercussão no cenário mundial, especialmente na esfera onde se faz mais importante desmistificar o neoliberalismo, a da ideologia. Foi nos Estados Unidos que se originou o projeto neoliberal, como uma estratégia de caráter mundial para a superação da crise do capitalismo do final dos anos 70.

SOBERANA IDEOLOGIA. Em Israel, o que derrotou os conservadores foi o voto pela paz e o voto dos imigrantes russos. À medida que a direita israelense foi assumindo cada vez mais um caráter fascista, expansionista e clerical, o Partido Trabalhista, que havia governado o país desde a sua origem, sendo desalojado na vaga neoliberal dos anos 70, conseguiu recuperar o mandato popular aliando-se com uma nova esquerda, que nunca deixou cair a bandeira da solidariedade.

Na República da Irlanda, pela primeira vez em 70 anos, o Partido Trabalhista conseguiu votação suficiente para se tornar a chave de qualquer coalizão do governo. Com 20% de desempregados, ruiu o domínio secular do Fianna Fall, conservador, e o voto nos trabalhistas pulou de 9 para 17%, graças a uma boa liderança e uma bem articulada

proposta de governo.

As palavras-chave de hoje são: crise e proposta. O neoliberalismo foi uma proposta para uma crise. A proposta emplacou, mas a crise continuou. A proposta sobrevive como ideologia e só pode ser derrotada através de uma nova proposta com qualidade de ideologia, sem o ranço corporativista ou stalinista do passado, sedutora e convincente no plano da imaginação, bem costurada no plano político.

Os sintomas visíveis do fracasso operacional do neoliberalismo estão aí: o desemprego estrutural em todos os países do centro capitalista, nos quais cresce rapidamente o neofascismo; a pesada dívida externa nos países latino-americanos, a desagregação social e do Estado no continente africano. No último número da revista **New Left Review**, Andrew Glyn faz um balanço rigoroso do que foi o neoliberalismo nos planos econômico e social, como tentativa de resolver o conflito distributivo dos anos 70 e restaurar um processo de acumulação através do desmantelamento da organização operária e da eliminação da inflação e do déficit público. Sua principal conclusão foi a de que essas políticas não conseguiram plantar as bases de uma expansão duradoura e que o *boom* do final dos anos 80 alimentou-se essencialmente de uma bolha financeira.

RETRATO DO FRACASSO. Nos

15 anos de neoliberalismo, o crescimento econômico dos conjuntos das 24 principais economias capitalistas foi de apenas 2,7% em média ao ano, em comparação com os 4,9% anteriores à crise dos anos 70. A taxa anual média de inflação caiu de 8,8% para 5,2%. O número de greves nos países centrais caiu de uma média de 40 dias por anos para apenas 23 em 1980-1990. O desemprego subiu de 4,2% para 6,8% e tornou-se estrutural. Em toda parte, mais famílias tornaram-se mais endividadas, e mais pobres, deprimindo o consumo. Todas as projeções apontam para a permanência de altos índices de desemprego nas economias capitalistas avançadas. Os déficits públicos só fizeram subir durante quase todo o período neoliberal, caindo a níveis inferiores aos dos anos 70 apenas no finalzinho do período. E as famosas privatizações, num outro balanço de David Parker, terminaram sem provar o seu argumento principal, de que a administração privada é melhor que a pública.

Tudo isso me lembra um encontro em 1976 em que estavam na mesa Paul Sweezy e um economista russo cujo nome esqueci e que sacudia desesperadamente a cabeça em sinal de não, quando Sweezy prognosticava que daquela vez não havia dúvidas, a crise do capitalismo era final. As coisas que hoje em dia se produzem, dizia ele, não geravam emprego suficiente e nem demanda. O russo sabia das coisas na União Soviética e provavelmente achava que era tudo o contrário, mas não tinha a coragem de dizer isso com todas as palavras. Passaram-se 15 anos de neoliberalismo no ocidente. O russo tinha razão, a economia planificada, e não o capitalismo, ruiu espetacularmente. Mas Paul Sweezy também tinha: está faltando gás ao capitalismo.

BERNARDO KUCINSKI,
de Londres

FUROS DE REPORTAGEM

As marcas da **decepção** é a história explosiva das experiências de um agente do serviço secreto israelense, o Mossad. Cr\$ 174.000,00



Meu inimigo sou eu, de Yoram Binur, conta a aventura de um repórter judeu disfarçado de árabe, na Palestina ocupada. Cr\$ 82.000,00



Os anos Mitterrand, de Franz-Olivier Giesbert, um livro para entender os descaminhos do socialismo francês. Cr\$ 84.000,00



EDITORA PÁGINA ABERTA LTDA.
Rua Dona Germaine Buchard, 286
05002 São Paulo SP

À VENDA NAS LIVRARIAS E DIRETÓRIOS DO PT ★ OU DIRETAMENTE NA EDITORA: TELEFONE: (011) 262-1155

OUVIDOR GERAL

Em 1992 o comportamento da imprensa brasileira teve altos e baixos. Alto foi o comportamento durante o processo de impedimento do ex-jet ski Fernando Collor. A imprensa, enquanto desempenhava uma função relevante, tomou um porre de si mesma, purgando-se do fato de tê-lo feito; prova de que fritar os efeitos pode de fato fazer-nos purgar das causas. Collor & quadrilha não se fizeram por si; foram a alternativa diante do avanço à esquerda, alternativa que a imprensa acalentou e o empresariado financiou no segundo turno. Agora, chora-se diante do dinheiro derramado e da tinta posta fora.

Por falar em dinheiro, ninguém de nenhuma imprensa desenvolveu ainda o tema de quanto rendeu o massacre do Carandiru. Lembrando aqui os velhos tempos, quando alguns dos protagonistas do atual massacre perpetravam outros, contra os comunistas, ajudados por muitos outros, vale recordar que eles eram regamente recompensados por contribuições da nata sinistra de nosso empresariado. Agora a guerra ideológica voltou-se contra os pobres e a cabeça dos bandidos que não têm condições de comprar a própria vida. *Deductio oblige*, essas mortes, no varejo ou atacado, devem ter seu justo ressarcimento, seu pro-labore.

Mas o grande baixio, o banco de areia da nossa pobre imprensa, continua a ser a questão neoliberal. Essa nau de insensatez levou inúmeras porradas em 1992; saiu adernando e fazendo água por todos os poros. É nossa imprensa campeia o silêncio sobre a questão. O mundo parece navegar num mar de privatismo, de leis maravilhosas do mercado.

O fato é que se os regimes socialistas naufragaram na contradição de não resolveram a questão da democracia, a direita segue no poder mas vai mal no mundo inteiro. A crise, o olho do furacão, está mesmo é no centro do capitalismo.

Falta apenas começar a ventar nas folhas do nosso jornalismo diário. Um 1993 sem medo de sermos felizes e infelizes para todos nós.

FLÁVIO AGUIAR

EXCLUSIVO

Um encontro das Arábias

O encontro e as diferenças começaram pelas caipirinhas: Lula pediu uma de vodka e Hobsbawn uma de pinga. Ambos chegavam da Europa, e com preocupações semelhantes: o enfraquecimento generalizado dos sindicatos, e da combatividade no interior dos sindicatos. Daí Hobsbawn disse que tinha algumas perguntas a fazer ao Lula, e foi logo pondo uma na mesa:

“Como organizar os marginalizados, os da economia informal, no Brasil? Como organizar a crescente pobreza? Este, na verdade”, sublinha o historiador, “é o grande desafio para o PT”.

OLHOS ABERTOS. Lula saiu retrucando que Hobsbawn tinha uma boa pergunta, o problema era a resposta. Reconhece que o PT cresceu

Para Hobsbawn, o desafio do PT é conseguir organizar os marginalizados

muito e rápido, porém em setores organizados. Onde há sindicatos fortes, inclusive no campo, o PT é muito forte. “Temos mais votos entre a população que ganha entre 3 e 15 salários-mínimos. Mas mais de 65% da população vive com menos de 3 salários.”

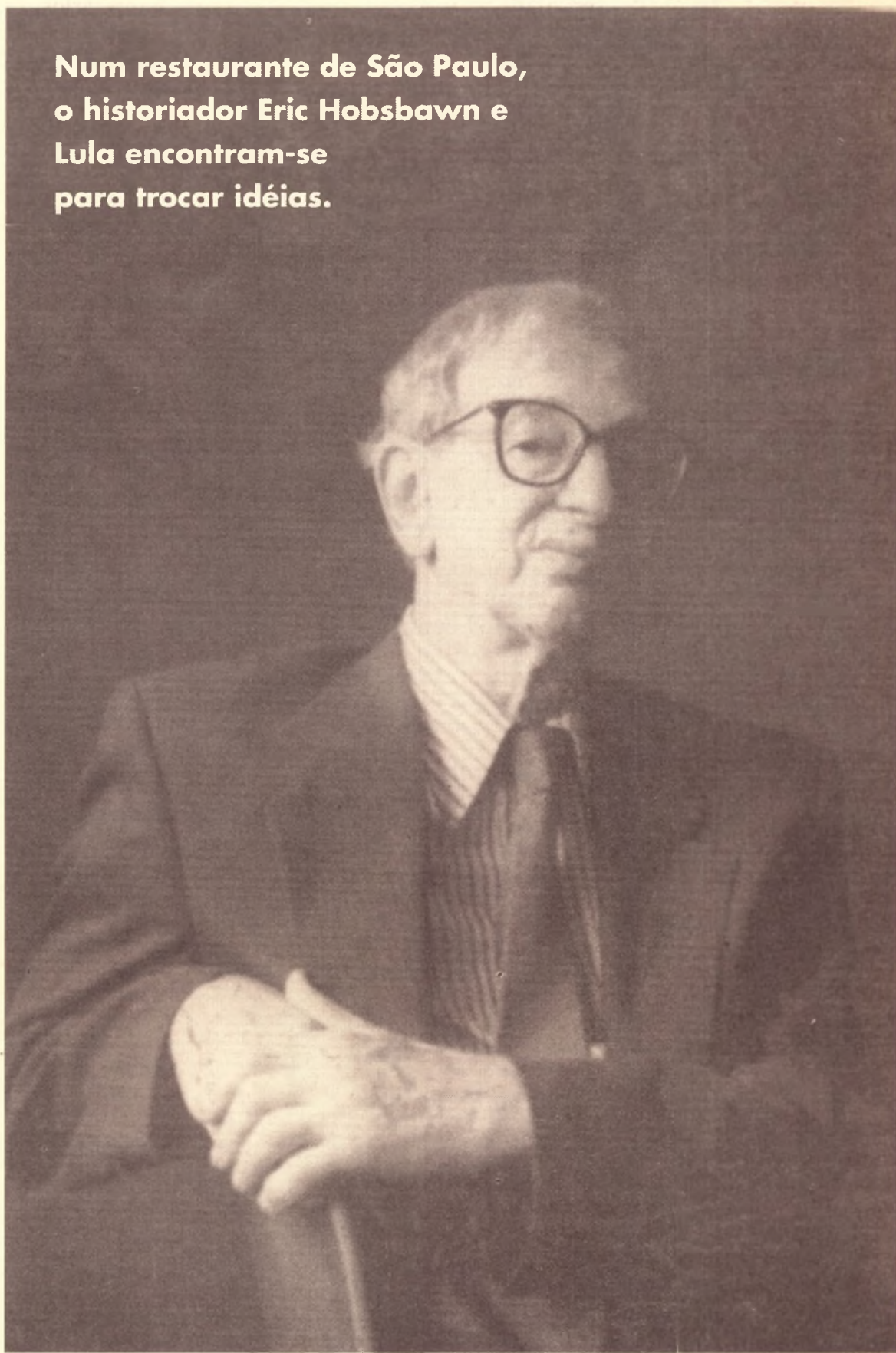
A conversa se generaliza. Alguém lembra que o PT, em 1992, cresceu no Rio, e entre os mais pobres. Outras vozes ressaltam que isso é coisa nova, e que o fato da Benê ser evangélica deve ter facilitado essa penetração. Marco Aurélio lembra que Lula no segundo turno de 1989 ganhou em cidades no Nordeste onde a população pobre é muito numerosa, como em Salvador,

Fortaleza, Recife e Natal. Nesse ponto Lula opina de que nessas cidades o movimento sindical é forte e organizado, como no Recife e na Bahia. Hobsbawn segue a animada discus-

são dos brasileiros com os olhos muito atentos.

IMERSOS NA PAISAGEM. Pausa. Goles de caipira. A comida chega. Hobsbawn toca a

bola para diante: “Lula tem boas chances em 1994. Dos candidatos de 1989 é o que não ficou identificado com este sistema de corrupção. Pode portanto captar votos



JUAN ESTEVES/FOIHA IMAGEM



O PT SABE GOVERNAR?

Santos: mil dias de governo popular, de David Capistrano Filho, é uma análise política dos principais momentos vividos pelo governo de Telma Souza, desde a vitória nas eleições de 1988. Cr\$ 39.000,00

Em algum lugar do passado, de Celso Marcondes, relata e problematiza os 26 meses em que a administração municipal de Campinas, carregou a marca do PT. Cr\$ 33.000,00

Governar para todos, de Emir Sader, busca contribuir para o balanço político da primeira gestão petista na prefeitura de São Paulo. Cr\$ 69.000,00



SCRITTA EDITORIA

EDITORA PÁGINA ABERTA LTDA.
Rua Dona Germaine Burchard, 286
05002 São Paulo - SP

À VENDA NAS LIVRARIAS E DIRETÓRIOS DO PT ★ OU DIRETAMENTE NA EDITORA: TELEFONE (011) 262-1155

junto aos mais pobres". Hobsbawn fala um espanhol muito claro, muito cheio de português. Usa termos como "povão", "o pessoal". Está imerso na paisagem. Continua: "O problema é que este setor é instável. Estão entre os que dão decidido apoio a Fujimori no Peru. E aqui no Brasil eles são maioria. Nos Estados Unidos existem também os muito pobres; mas eles

Como no Chile, as igrejas pentecostais podem ser um ponto de contato com os mais pobres

são uma minoria e estão politicamente isolados".

Lula retoma a experiência sindical. "A questão central é de linguagem. O meu discurso de porta de Volkswagen, de sindicalista não serve, não chega neste povão. Precisamos mobilizar nossos militantes, os educadores, o pessoal da formação sindical e política, para pensar e agir nesta questão de linguagem. 1993 é o ano em que o PT tem que inventar no terreno da linguagem".

COMUNISTAS PENTECOSTAIS. Nesta altura Hobsbawn volta a puxar o fio pentecostal. "É importante estabelecer contato com e através das igrejas pentecostais." Lembra o caso do Chile, onde, diz, havia comunistas pentecostais ou vice-versa. (Não pude deixar de pensar: é América Latina sem porteira...) Lula retoma a palavra, dizendo que a relação com essas igrejas vai melhor, sobretudo no Rio, onde há novidades quanto a isso.

Mas diz que a questão central... e aí toma fôlego (outro gole) e diz que, embora o PT tenha crescido, chegou a um limite, "temos que inovar". "A direção do PT está ficando velha..." Britanicamente, Hobsbawn protesta: "madura, madura, não velha..."

"É", diz o Lula, "mas está na hora de fazer uma mudança na direção, de inovar, uma nova

linguagem, dinamismo..."

Nesse ponto os bifes estão terminando e a conversa embola. Weffort se diz preocupado porque o presidencialismo cresce nas bases do PT; surgem declarações presidencialistas, inclusive a minha. Gilberto Carvalho, do Cajamar, ressalta, entretanto, que para as bases a posição parlamentarista de Lula é importante.

"É, pode dizer que sou parlamentarista, mas sem muito entusiasmo", prossegue Lula, enquanto Weffort vai dizendo que as bases do PT vão se influenciar pela relação entre os votos do PT nos pleitos majoritários e nos pleitos para o Legislativo. Hobsbawn, com ar de quem assiste interessado a uma discussão cuja paixão lhe é estranha, senão incompreensível, lembra que há parlamentarismos e presidencialismos democráticos e outros não...

O SENTIDO DE MUDANÇA. Nessa altura Gilberto pergunta se o PT, que nasceu como um partido contra a ordem, não corre o risco de tornar-se um partido da ordem, de se transformar "num partido trabalhista inglês"... Diplomáticamente, Hobsbawn começa a falar da França. Mas não foge da questão, nem da provocação. Diz que na França os partidos de esquerda não perderam o sentido da mudança, até o advento da recessão, que é mundial. "Isso também se passou", assinala, "nos países escandinavos,

Setores do Partido Trabalhista Inglês alcandoram uma perspectiva mais combativa

na Noruega, na Suécia, onde o espírito de luta continua, o sentido da mudança." Concorde: o caso mais grave é o da Inglaterra, onde de fato, no trabalhismo, há um centro e uma direita que abandonaram uma perspectiva mais combativa. "Mas os outros

exemplos", assinala, "permitem que o PT mantenha sua esperança".

A conversa volta ao movimento sindical, que fora a preocupação inicial.

Saudoso, Lula começa a falar dos tempos de São Bernardo: "Fazíamos assembleia na porta de fábrica, no estádio, mas também nos bairros, íamos conversar com o dono do boteco, da quitanda. A categoria é um meio, não um fim, é um meio para chegar ao cidadão. E tínhamos pautas para os empresários, e para os governos municipal, estadual e federal.

O ABACAXI. Nessa altura, estamos na sobremesa. Hobsbawn pergunta a Lula: se ele fosse presidente, o que faria em primeiro lugar? "Juntava os amigos", diz Lula, "como aqui, e ia discutir como descascar o abacaxi". Daí Lula começa a desfiar para Hobsbawn uma série de medidas

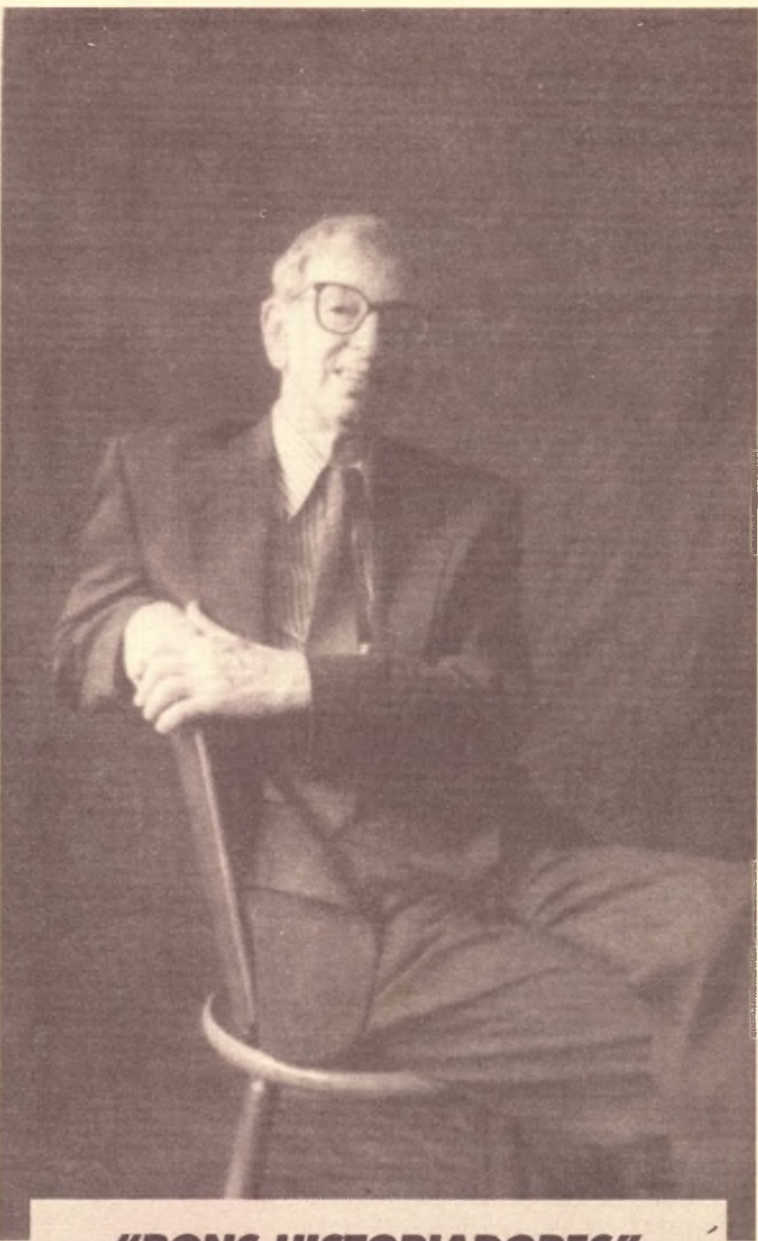
Há forças políticas na Europa que continuam na luta e servem de estímulo ao PT

para ativar a economia e a distribuição de renda. E termina contando que em Paris uma menininha, numa escola, lhe disse que não concordava com isso de tirar de quem tem para dar a quem não tem, como tirar de seu pai, por exemplo. Lula disse então que ia falar da mãe da menininha. Que se ela põe três bifes na mesa para ela e seus dois irmãos, se ela acha justo um comer dois e um ficar sem nada. Pois é, disse ele, estão comendo o nosso bife. Falta comida.

O almoço termina. Confraternizações. Cafés. Agradeço a Hobsbawn, pela entrevista que ele fez com Lula, que ela esta muito boa...

"He had good answers" (Ele tinha boas respostas), encerrou ele. Na rua, calor Brasil.

FLÁVIO AGUIAR



JUAN ESTEVES/FOIHA IMAGEM

"BONS HISTORIADORES"

O historiador inglês Eric Hobsbawn, que nasceu em Alexandria; no Egito, e que atualmente leciona nos Estados Unidos, veio a São Paulo participar de um seminário sobre as esquerdas e os nacionalismos emergentes no Instituto Cajamar de formação sindical. Veio com uma idéia em mente: encontrar Lula e propor-lhe algumas perguntas. Este encontro acabou se realizando num restaurante do centro de São Paulo, com companheiros do PT e do Cajamar presentes, de uma forma informal e descontraída. **Brasil Agora** acompanhou com exclusividade esse almoço. Ao seu final, propusemos uma questão a Hobsbawn: como ele via a sua própria geração, uma geração de notáveis historiadores ingleses que em sua maioria deixaram o Partido Comunista a partir de 1956. "Somos amigos", disse ele, "eu os vejo com alguma frequência, estamos todos na esquerda, somos militantes e pesquisadores ainda. Continuamos na luta, e pensamos sempre na ligação profunda entre o trabalho acadêmico e o militante, sem diferenciá-lo. Isto, eu acho, nos ajudou a sermos bons historiadores."

Por que eu assino Brasil Agora?



Luíza Erundina
Prefeita de São Paulo

Brasil Agora é leitura obrigatória para todas as pessoas comprometidas com a luta dos trabalhadores, com a liberdade e a democracia.

PREENCHA EM LETRA DE FORMA. Envie cheque nominal e cruzado à **EDITORA BRASIL AGORA LTDA.** Alameda Gleite, 1049 - Sta. Cecília - CEP 01215 - São Paulo/SP - Fones (011) 222.6318, 220.7718 e 223.2974

NOME _____

ENDEREÇO _____

CIDADE _____

FONE _____ UF _____ CEP _____

PROFISSÃO _____

☐ Assinatura 12 edições Cr\$ 155.000,00
☐ Assinatura para o exterior (semestral) US\$ 30,00]
☐ Assinatura 25 edições (anual) Cr\$ 310.000,00
☐ Assinatura de apoio (anual) Cr\$ 465.000,00



Assine você também

A advogada Maria do Carmo Costa Carvalho foi vítima em abril de 1978 de tentativa de homicídio praticada pelo marido Luís Fernando dos Santos Dias. Ficou definitivamente cega e teve que se submeter a diversas operações, inclusive para reconstituir parte do osso da testa, destruída pelo tiro. O criminoso não apenas ficou impune, mas ocupa os cargos de conselheiro da OAB de Pernambuco e de procurador da Fazenda Municipal de Recife.

Estes dois casos recentes foram colhidos no mar de denúncias registradas pela CPI sobre a violência contra a mulher, presidida por Sandra Starling (PT-MG) e relatada por Etevalda Grassi de Menezes (PMDB-ES). A CPI é o esforço oficial mais amplo até hoje realizado para delinear o cenário nacional da violência machista. Sua principal fonte de informações foi o registro das ocorrências feitas nas delegacias da mulher e nas delegacias em geral, no período de janeiro de 1991 a agosto de 1992. Foram registradas 205.219 ocorrências. A cada dia uma média de 337 mulheres é atingida pela violência masculina.

O mais terrível, no entanto, é que esta é apenas a ponta do iceberg. A maioria das mulheres agredidas não registra a queixa. Os próprios dados coligidos pela CPI são incompletos (Amazonas, Amapá, Rondônia, Mato Grosso, Tocantins e Piauí não responderam aos questionários e têm codificação irregular).

DOCE LAR? Definitivamente, elas não são a "rainha do lar". Ao contrário do que poderia supor o senso comum machista, não são as mulheres "desprotegidas" da presença masculina - as sós: solteiras, viúvas, separadas, divorciadas - as vítimas preferenciais. São as mulheres casadas e as que coabitam com o homem sem registro oficial (concubinas) que mais sofrem a violência masculina, somando juntas 56% das vítimas.

Pelos relatos da CPI, a família brasileira é o epicentro de uma verdadeira "guerra civil" subterrânea, camuflada. Está mais para as tragédias de som e fúria, de neuroses e violências, de um Nelson Rodrigues, do que para a imagem da harmonia e apaziguamento.

Alguns números são estarrecedores. Cerca de 90% dos registros de ocorrência da Delegacia de Mulher de João Pessoa são de estupro familiar. Na região metropolitana de Recife, entre 1987 e 1991, registraram-se nas delegacias especializadas 23.726 casos. Em 98% dos casos, os agressores mantêm ligação amorosa ou de parentesco com a vítima.

A CPI constatou também que mais de 50% das vítimas são agredidas ao final do dia ou à noite, quando o agressor chega do trabalho. A noite não tem testemunhas. A rua, a casa, a vizinhança dormem. A mulher se sente menos protegida e o agressor mais fortificado.

MISÉRIA E MACHISMO. O que não é visível de imediato neste quadro é a apropriação feita da miséria pela dominação masculina. Isto é, as mulheres que recebem menos ou que são dependentes economicamente são mais vulneráveis, mais expostas, têm menos auto-estima e coragem para reagir. Homens com mais dinheiro têm a sua condição de agressor mais à mão e protegida.

Isto é comprovado pelos dados do relatório da CPI, quando analisados por faixa salarial. Entre os citados nos relatórios, com menos de 1 salário-mínimo, 55,9% são vítimas e 44,1% são agressores. Entre 2 e 4 salários-mínimos, 28,7% são vítimas e 71,2% são agressores. Enfim, com mais de 10 salários-mínimos, as vítimas são apenas 26,6% e os agressores, 73,4%.

Em 31 de janeiro, José Fernando Gomes assassinou a tiros a cunhada Tânia Camarotti, feriu a irmã Socorro Gomes e tornou tetraplégica a esposa Kátia Camarotti. O motivo foi a separação do casal, provocada pela extrema violência do acusado, que não raro agredia seus familiares. Até a data da audiência na CPI, José Fernando já obtivera dois habeas corpus e seguia como profissional liberal e professor universitário em Pernambuco.

O que fica evidente é que as mulheres vítimas começam sendo majoritárias nas faixas salariais mais baixas e, à medida que o patamar salarial vai crescendo, aumenta a participação masculina agressora. São como duas pirâmides invertidas a revelar o machismo como o verdadeiro agente da agressão às mulheres, instrumentalizando mas atravessando as barreiras de cultura, renda e cor.

Em Belo Horizonte, por exemplo, onde foi instalada uma CPI na Câmara Municipal devido ao recrudescimento da violência contra as mulheres - nos primeiros vinte dias deste ano foram registrados doze assassinatos -, a estimativa é que 50% dos agressores pertençam à classe média e alta.

HUMILHAÇÃO E IMPUNIDADE. O relatório final da CPI recomenda quatro frentes de atuação de curto e longo prazo para deter a espiral da violência.

Indica diretamente ao ministro da Justiça e, em forma de lei, ao Congresso várias modificações no Código Penal. Propõe uma simplificação do processo e instauração do inquérito; abole a figura do adultério e retira toda menção à "mulher honesta" no texto legal; reconceitua o estupro, identificando não apenas a penetração vaginal, mas a oral e a anal; inclui a figura do estupro, tendo como vítima o homem.

Propõe que o Brasil assine sem restrições a Convenção Internacional de Eliminação das Discriminações contra a Mulher. Hoje, o país assina a Convenção mas faz várias restrições no que diz respeito aos direitos da mulher casada. Propõe medidas contra o tráfico de prostituição de mulheres brasileiras, verificado hoje em especial para a Europa.

Reivindica a instalação de mais delegacias especializadas em violência sobre a mulher e a construção de casas albergues, que amparem as vítimas sem condições financeiras.

E insiste especialmente na organização de jornadas cívicas nacionais de conscientização dos direitos da mulher e de educação, inclusive nos currículos escolares, contra a violência machista.

JUAREZ GUIMARÃES



VIOLÊNCIA À BRASILEIRA

Guerra às mulheres

CPI põe a nu as marcas brutais da violência machista nacional, quase sempre sem punição.



BRASIL
AGORA

